

Stadium

N.º 100 ★ 1 DE NOVEMBRO DE 1944 ★ PREÇO 1\$50



AS ÚLTIMAS GRANDES COMPE- TIÇÕES DE CICLISMO DA ÉPOCA

SOB O PATROCÍNIO DA «STADIUM»

Os vencedores absolutos — Eduardo Lopes, na «Lisboa-Santarém-Lisboa», e Carlos Quadros, na «Prova Iniciação Flecha» — e um belo aspecto da primeira destas corridas, com os ciclistas já lançados na segunda tirada

Iniciativas da «STADIUM»

Carlos Quadros, da S. F. Alunos de Apolo

foi o vencedor absoluto da "PROVA INICIAÇÃO FLECHA" ganhando também as últimas etapas

Gaspar Paulo, do S. L. e Alenquer, venceu na primeira e segunda tiradas

Se o ciclismo português tivesse normalmente algumas provas com as características da que acabamos de promover — a «Prova de Iniciação Flecha» — estamos certos de que o núcleo de corredores de primeira categoria não havia chegado ao número irrisório de dezena e meia, actualmente a quantidade de estradistas independentes que existem em Portugal.

E isto porque esta corrida, embora não houvesse atingido, em expansão, o valor de outra grande competição semelhante, que fizemos de pé há anos, porque a época presente tornava tal tarefa impossível, não deixou, todavia, na organização da *Stadium*, de atingir plenamente os objectivos para que foi creada, podendo mesmo dizer-se que os resultados foram singularmente brilhantes e excederam a melhor das expectativas!

Logo na primeira etapa — disputada desde a avenida da Índia até Sintra, houve a assinalar, além do espectáculo lido movimentado da passagem de quasi meia centena de ciclistas pelas ruas da Baixa, houve a assinalar, diziamos, a revelação de, pelo menos, quatro estradistas com reais qualidades e que podem chegar a ser, logo que tenham orientação proveitosa, valores do ciclismo nacional. São essas revelações o vencedor das duas primeiras etapas, José Gaspar Paulo, e o seu companheiro de clube Juviano Prieto, ambos do Sport Lisboa e Alenquer, e os sportinguistas David Braz e António Tavares Júnior.

Na segunda tirada, disputada entre Sintra e Lisboa, com passagem por Belas e Caneças, além de se assistir a uma corrida valiosíssima, em que a média horária andou à volta de 37 quilómetros, apesar do percurso ser algo acidentado, pôde também verificar-se que Carlos Quadros é um valor que já sabe como se corre, e que Miguel da Silva, Carlos Paulo, José Martins, António Pereira e Duarte Tomás possuem estôfo para progredir.

OUTROS PREDICADOS

Mas os predicados da «Prova Flecha» não se limitaram aos ocorridos na primeira e segunda tirada. Na terceira etapa, disputada entre Lisboa e Torres Vedras, pôde admirar-se a fôgositade de Francisco Santos, disposto a sacrificar-se por Carlos Quadros, seu companheiro de clube; verificou-se que entre o «leader» Gaspar Paulo e o seu «co-équipier» Juviano Prieto existia simpático entendimento, pois este, com a aquisição daquêle, hem se esforçou por conquistar para o clube que representavam o segundo lugar da classificação geral; e já nos últimos quilómetros conseguiu-se ainda anotar que todos os corredores, mesmo desprotegidos da sorte — como José Martins, que partira o seu guiador na véspera — não deixaram de lutar com desusado brio, só para poderem melhorar as suas classificações.

E a derradeira etapa, dura, por ser disputada em percurso acidentado e sob chuva fria e incomodativa, também teve largos motivos de agrado, que serviram para completar o êxito da «Prova Flecha». Esta última tirada pôde mesmo dizer-se ter sido brilhante sob todos os aspectos: desportivo, espectacular e atlético.

Vendo o perigo que corria deixando-se ir na companhia de Quadros, que tinha ganho a etapa da manhã, Gaspar Paulo, o possuidor da «camisola rosa» — símbolo de primeiro classificado — partiu a fundo tão pronto ouviu o sinal de largada. Tentava assim o «encarnado» de Alenquer conquistar avanço que o puzesse ao abrigo de qualquer surpresa. Chegou, é

certo, a ter umas centenas de metros de vantagem, mas Quadros, ficando os dentes, couse de campeão consagrado se tratasse, lutou e quando os homens da frente completavam a etapa o «apolense» já estava no primeiro pelotão.

Foi depois a sorte adversa ao homem de Alenquer, avariando-se-lhe as mudanças e retardando-o quasi dois minutos na estrada. E então que Quadros, infatigável, conseguiu conquistar nos últimos trinta quilómetros a vantagem de quasi 14 minutos, vantagem que lhe proporcionou nítida e absoluta vitória na maior prova da sua carreira.

Emotivo, êste final de corrida, em que o «leader» destronado se deixou vencer mais pela quebra de moral que propriamente por falta de recursos, pois possui-os em quantidade, além de qualidades apreciáveis. São simplesmente extraordinárias as provas feitas, nesse final, pelo pequeno «iluminante» Duarte Tomás e pelo não mais «gratido» Francisco Santos, e ainda as do lavrense José Martins — que na última tirada «saltaram» na classificação perto de meia duzia de postos.

E para completar a beleza deste fim de jornada desportiva, o Campo 28 de Maio regorgi-

tava de público, interessado pelo desfecho de uma das mais belas competições velocipedicas reservada a gente nova.

A PRIMEIRA ETAPA...

Renniu a nossa prova a bonita soma de 38 corredores, em representação dos seguintes clubes:

Arroios, 5; Apolo, 6; Benfica, 5; Sporting, 5; S. L. e Alenquer, 4; Iluminante, 5; Ginásio de Tavira, Sangalhos, Dramático de Cascais e Combatentes, com 1 corredor cada; e ainda 1 individual.

Após movimentado desfile, desde o local de concentração — largo do Intendente — até ao ponto de partida — principio da Avenida da Índia, largaram com destino a Cascais 37 concorrentes.

Apesar de soprar vento forte de frente, houve varias tentativas de fuga, movidas principalmente por David Brás, Tavares Junior e Francisco Estevão. Raros foram, porém, os corredores que descolaram até ao alto do Ramalhão, onde principiou a maior selecção.

(Continua na página 15)

A terceira lição

do «Curso de Ciclistas»

efectuou-se na sexta-feira, nas salas da Federação de Ciclismo

COM a presença de dezenas de alunos, tal como nas sessões anteriores, efectuou-se na sexta-feira, na sede da Federação Portuguesa de Ciclismo, a terceira aula do «Curso de Ciclistas», inicialia da nossa revista, que tanto êxito tem obtido.

O orientador do «Curso», o nosso prezado camarada Gil Moreira, deu a sua lição sob o tema «como deve ser equipada uma bicicleta de corrida». Antes, porém, de se dar começo aos trabalhos, Avelar Machado, nosso estimado chefe de redacção, proferiu algumas palavras de sentimento pela morte da extremosa mãe do nosso querido companheiro de trabalho dr. Salazar Carreira, distinto Inspector da Direcção Geral dos Desportos, que tem precisamente a seu cargo os assuntos relacionados com a velocipedia nacional. A esta manifestação de pezar associou-se a assistência, que se manteve durante momentos em profundo recolhimento.

Gil Moreira começou os seus ensinamentos indicando as larguras máximas e mínimas dos guiadores de corrida, que só em casos excepcionais devem exceder os 42 cm. ou ficarem aquém de 36 cm. Quanto à espessura das hastes, fixou-a em 23,5 a 26 mm., isto para não entorpecer os musculos das mãos.

Passou depois a indicar as medidas e tipos mais aconselháveis de selins e travões, ficou a necessidade de se escolher sempre um tamanho de crenques adaptável ao comprimento de perna dos ciclistas e fez curiosas considerações sobre o papel que desempenha no rendimento do corredor a boa ou má escolha daquêles acessórios. Assim, Gil Moreira indicou para ciclistas com um tamanho de perna até 80 cm. crenques de 6,5 — ou seja de 165 mm.; para pernas de 81 a 89 cm., crenques de 6 3/4, isto é, de 170 mm., e para ciclistas mais altos a

possibilidade de optar-se já por crenques de 7 polegadas (175 mm.).

Depois de focar as vantagens que uma roda de trás mais leve proporciona ao corredor — mais leve no exterior, ou seja no aro e nos «boyaux», porque são estas duas peças que servem de volante, — Gil Moreira esclareceu que 10 gramas que se consigam tirar ao peso daquelas referidas peças equivalem a um beneficio de um quilo no peso total da bicicleta.

Para final da lição foi escolhido o interessante pormenor das desmultiplicações, tema êste que todos os alunos escutaram com acentuada curiosidade. Depois de ter explicado que a desmultiplicação de uma bicicleta é a diferença que existe entre o número de voltas que a roda pedaleira dá em relação à roda de trás, o nosso companheiro de trabalho ensinou a forma prática de se saber qual o «desenvolvimento» de qualquer máquina. Assim, a desmultiplicação é igual ao resultado do perimetro da roda de trás, vezes os dentes da roda pedaleira, a dividir pelo número dos dentes da roda livre. Seja: para uma bicicleta com 48x18 e rodas de 700, temos:

Desm. = $700 \times 3,1416 \times \frac{48}{18} = 5,86$ metros por cada pedalada completa.

Isto quer dizer que, enquanto o ciclista dá uma volta completa com os pedais, a roda de trás deu 2 voltas e 66 centessimas. E como cada volta de uma roda corresponde a 2,199 metros, eis porque o ciclista percorre em cada pedalada a distância de 5,86 metros.

Ao encerrar os trabalhos da noite, Gil Moreira informou que na próxima aula, a efectuar depois de amanhã, sexta-feira, no mesmo local e a mesma hora, dirá como se escolhe uma boa desmultiplicação e qual a posição sobre a bicicleta que deve considerar-se tecnicamente perfeita.



NO MUNDO DA BOLA



PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

A Bola de «Caoutchouc» adoptada em PORTUGAL

em comparação com o que se passa em ESPANHA

SENHORES: Tenho a honra de lhes apresentar uma bola de futebol constituída por duas peças, o «caoutchouc» e o couro. Mas nem todas as bolas são assim fabricadas e nem todas—aquí está o problema—servem para o jogo da bola. É preciso que esta tenha certa circunferência e determinado peso—qualquer coisa parecida com uma circunferência de 71 centímetros, como máximo, e de 68, como mínimo, e um peso que, no começo do encontro, não poderá ser mais de 453 gramas nem menos de 396.

A bola é, sem dúvida um dos principais elementos do jogo.



Toda a atenção dos jogadores e dos que assistem ao encontro vive presa aos seus movimentos. Maltratada e, no fundo, acarinhada, da maneira como ela se comporta depende tudo, afinal. Os mais belos momentos de emoção, como as grandes exclamações, têm como motivo o seu comportamento—justificando-se assim, inteiramente, que lhe dediquemos um pouco de atenção.

Esta bola que lhes apresento veio de Espanha, pela mão do Sporting. É bonita, roliça, quasi pitoresca com as suas duas cores e com a vantagem apreciável de não se deformar nos primeiros pontapés. Só depois de muitos golpes é que ela, coitadita, mostrará as suas mazelas, apresentando doenças e corcovas, exigindo então, nessa altura, a sua substituição...

Quere dizer: a bola espanhola é ótima, revelando que os dirigentes em Espanha não descuram pormenores tão importantes como este. Depois da guerra naquêlê país, os espanhóis viram-se a braços com este problema. Chegaram a pensar em receber bolas de Portugal, já que de Inglaterra a importação era difícil. Depois—começaram no fabrico, logo apresentando um couro lúzio, forte, resistente, quasi inalterável, com o mesmo peso e medida. Porque a verdade é esta: em Espanha adoptou-se um tipo de bola. Todos os teams, tanto em treinos como em desafios, seja qual for a região e o campo em

que se encontrem, sabem que a bola será igual, sempre a mesma, isto é, igual àquela a que estão habituados.

Nem podia ser de outra maneira. Na vizinha nação, o clube não pode mandar para o campo

modesto que seja, que não tenha condições para pôr em campo uma bola que sirva para o jogo, satisfazendo às Regras. Pois se todos êles se dão a despesas de outro género, menos precisas, por que não atender a este pormenor de primordial importância? O que acontece é que, por ignorância ou desleixo, não se faz caso. Garantimos que mesmo em jogos de categoria temos em campo, algumas vezes, bolas impróprias.

Bem sabemos que ao árbitro compete verificar se a bola é ou não regulamentar. Isto em teoria. Na prática—nada disso. O árbitro limita-se a vêr, e em caso de reclamação, se o esférico de couro está ou não bem cheio, e mais nada. Mesmo porque não tem à mão uma fita métrica e uma balança—e isso redundar até numa operação ridícula... Assim, limita-se à apreciação sumária—e falível.

Terminemos. Entendemos que o futebol português se devia dar ao cumprimento do código do jogo, entregando o controle das bolas aos Colégios de Arbitros, ou Comissões Distritais, uma operação valiosa em relação ao jogo. Não se julgue, de resto, que se trata de questões de coca-bichinhos.

O futebol joga-se com a bola de «caoutchouc». Por que não dedicar-lhe toda a atenção? Por que não dizer ao fabricante de bolas em Portugal que deve fazê-las só de um tipo e formato? Por que não entregar a tarefa de fiscalização às corporações dos árbitros? Aqui fica o alvitre. Se nos perguntassem a medida a adoptar, diríamos que, em Espanha, o peso da bola utilizada anda à volta de 450 gramas, quando cheia, ou 390 ou 400 quando vazia.

Senhores: Terminei... Dêmos todos as mãos para fazer alguma coisa de útil pelo futebol português!

Há resposta para tudo...

Vêr no próximo número esta secção, que tanto interesse despertou entre os nossos leitores.

UMA ANEDOCTA

A saída das Salésias, o major veterinário Joaquim Martinho, presidente da Corporação dos Arbitros de Lisboa e leão de mais de quatro costados, que, por sinal, assistira ao jogo, entre belenenses ferrenhos, não escondendo o entusiasmo, tomou o seu automovel decorado com um leão no radiador.

Mas o automovel recusava pôr-se em marcha. Comentário de um garoto que assistia interessadamente à manobra: — Como é que, tendo ganho o Sporting, o carro não pega?...

Uma luta de Gigantes

FELICIANO E PEYROTEO

É a velha luta do futebol, a que se trava entre o avançado e o defensor, o primeiro tentando iludir o segundo, este usando de todas as armas para não se deixar bater.

Cada qual, por vezes, adopta um método, diferente e variado.

À subtilidade do atacante responde com o corpo aquele que defende. Ao embate com o corpo responde com subtilidade, nem sempre se vendo, portanto, nos campos da bola, a luta forte e viril, em que o choque parece desferir lume.

A luta que chega aos últimos esforços humanos. Isto é, o caso do duelo Feliciano e Peyroteo. Feliciano veio do Casa Pia, fazendo-se jogador de plano no Belenenses. Peyroteo atravessou o mar, vindo das Áfricas, onde já daea pontapés, para se transformar no Sporting num dos maiores jogadores de todos os tempos.

A maneira como este duelo se desenvolveu nas Salésias, a propósito do Belenenses-Sporting, merece um comentário ao de cima de todos os comentários.

Qualquer dos dois jogadores, se não em jogo, sob o ponto de vista de qualidade, forneceu em esforço a sua maior medida. Foi grande a cena. Quando Peyroteo, numa jogada de insistência, à força de fibra e energia, proporcionou a sorte de um goal marcado por um dos seus companheiros, o próprio team, dominado pela gigantesca altitude do grande desportista, o símbolo do profissional com coração de amador, facilitou-o—e não ao que marcou a bola. Feliciano e Peyroteo, na velha luta do futebol, eis dois homens capazes de darem em campo tudo quanto podem.



Uma entrevista sensacional
O Sr. Barão de Rothschild
 Recebe um redactor da Stadium
 evocando factos e recordações da sua actividade desportiva

O sr. Barão Henri de Rothschild, personalidade de grande relevo e projecção nos meios da alta finança francesa, e ainda figura notável no *grand monde* e na vida parisiense, encontra-se em Portugal desde 1940, após a invasão da sua pátria. Amigo íntimo de príncipes e hospedeiro de reis, vive hoje discretamente nos arredores de Lisboa, como convém à sua idade avançada e ao seu estado de saúde, e só por casuais e excepcionais circunstâncias — incluindo a amabilidade de S. Ex.^a — se nos deparou esta oportunidade, única, de oferecer aos nossos leitores e presente entrevista. Cruelmente atingido na sua sensibilidade de fervoroso patriota, o sr. Barão Henri Rothschild prefere o sossego da penumbra discreta, que é o seu isolamento, ao bulício soalheiro da publicidade e dos jornais.

Apesar disso, quando foi apresentado, por interposta pessoa, a conceder à *Stadium* o favor de quebrar um silêncio tão inflexivelmente guardado durante anos, prometeu dispensar-nos alguns minutos e desfiar o rosário de uma memória privilegiada, contando-nos factos e recordações da sua actividade desportiva.

O sr. Barão Henri de Rothschild, que ao mais fino trato alia a lhanza de um espirito moço, recebeu-nos ao cair da tarde de um dia tépido e luminoso, característico da estação outonal que decorre. Sentado junto de nós, numa poltrona baixa, não parece tanto nem o médico que só por dilettantismo abraça a carreira de Esculápio, nem o homem de letras largamente aplaudido — porque o sr. Barão Henri de Rothschild e o escritor teatral André Philippe são uma e a mesma pessoa... — mas sobretudo *sportsman* íntegro, a quem a cultura do corpo e do espirito interessam por modo equivalente, mesmo depois de passada a idade das lúes e da fé na existência.

— Tive, desde adolescente, uma forte inclinação por tudo quanto se pode chamar cultura física. Aos 18 anos já praticava luta com o professor Langlois e mais tarde com o próprio François, le Bordelais, campeão de França... — confiou-nos o nosso entrevistado.

E continuando:
 — Nessa época, há cerca de sessenta anos, o pugilismo não era praticado em França nem na Europa continental e no meu país era um atentado à lei, sujeito a inflexível repressão.

— Consta-nos, porém, que V. Ex.^a contribuiu para modificar esse ambiente... — atalhamos.

— E' verdade que sim. Um dia, quando já um

ou outro combate se disputava à sucapa, o perfeito da Polícia, Lépine, de quem eu era amigo, chamou-me e disse-me que estava disposto a proibir formalmente o boxe, mas que antes de o fazer desejava ouvir a minha opinião. Respondi-lhe, mais ou menos, nestas palavras: autorizando a sua prática distribuiria do alcoolismo e das tavernas muitas centenas de jovens, que iriam propagandear pelo país uma cruzada em benefício da saúde e do vigor muscular.

— E foi o suficiente...

— Nem mais. Lépine não era pessoa de preconceitos e compreendeu perfeitamente o largo alcance da permissão que iria conceder.

— Chegou a calçar luvas, como amador, é claro, ou foi apenas espectador dilettante? — inquirimos.

— Foi, até, um razoável pugilista. Primeiro, tive como mestre o americano Phélan e cruzei os punhos com o próprio Tommy Burns, campeão mundial. Sucedeu que, sem o prever, fui direito ao «país dos sonhos», graças a um «contras» bem aplicado no queixo... Burns era então um jogador fenomenal!

— Teve mais alguma experiência inesperada com o boxe? — preguntámos.

— Sim, mas de outro género. Houve um combate no qual competiam Charlemont, praticante do chamado boxe francês (que emprega golpes dados com os pés), e o inglês Jerry Driscoll, ao qual assisti como médico obsequioso, por carência de colegas no local. Recordo-me de que o britânico encaixou os pontapés, todos, ao puto e ao estomago, com a maior facilidade, mostrando uma capacidade de resistência incrível. Também lhe conto que em 1894, viajando nos Estados Unidos, da Costa do Atlântico para a Califórnia, demorei-me em Butte-City para despensar e presenciei o que se poderá chamar antepassado de reportagem pela rádio-dispersão... Travava-se o combate entre Corbett e Sullivan para o campeonato mundial; o telegrafo ia comunicando por todo o continente o resultado, descrevendo os assaltos, um por um. Por meio de lanterna mágica, certo indivíduo projectava essa descrição na tela, em Butte City, à medida que as notícias chegavam, perante a multidão excitada e entusiasmada!

— Sendo V. Ex.^a tão viajado, não tivera ocasião de visitar Portugal?

— Estive por cá em 1904. Alugara ao duque Descartes o hias «Seabelle» e trouxera uma carta de apresentação e recomendação para El-Rei



D. Carlos, da parte do Príncipe Alberto do Monaco, illustre oceanógrafo e meu particular amigo.

— Boas recordações, não é assim? — indagámos.

— Muito boas! O soberano português, a par de grande desportista, era um generoso anfitrião e recebeu-me com a maior lhanza. Convidei-o a caçar nas minhas propriedades, em França, mas só em 1905 é que El-Rei D. Carlos foi até lá. Recebi-o na minha casa de campo, em Les-Vaux-de-Cernoy, e organizei em sua honra a caçada mais bela que era possível. Level cêta de 18 meses a prepará-la e durante os dois dias em que o soberano português me honrou com a sua visita — em 4 de Dezembro de 1905 — mataram-se mais de 5.000 peças de caça e entre estas 4.800 faisões... —!!!

— E note: o mês era mau, por causa da neve, mas tudo correu de modo propício...

E continuando a reviver os bons momentos do passado, o sr. Barão Henri de Rothschild acrescentou:

— Dois dias mais tarde, o monarca português foi hospede do Príncipe Alberto I do Monaco, no departamento do Aisne. Ali, como o temperamento desportivo de D. Carlos se monotizasse demasiado, recebi a incumbência de organizar um espectáculo especial.

— Outra caçada talvez... — aventamos.

— Não. Nada disso... Estava em Paris, no Hippodrome, um campeão de luta «jju-jitsu», um lutador de greco-romana e um boxeador. Tratei de os levar comigo e promovi um espectáculo misto, durante o qual o japonês dominou amplamente os adversários. Depois, querendo mostrar os meus próprios méritos, convidei o «jju-jitsu» para um assalto, mas disse-lhe — em inglês, que ele parecia compreender... — que conhecendo os seus métodos esperava uma demonstração cortez e isenta de golpes perigosos.

«Mal havíamos principiado, senti-me levantado do solo e projectado a distância, com a maior violência — e fiquei com o ante-braço partido nos dois ossos...

— Para assalto cortez, parece-me forte de mais... — atalhamos.

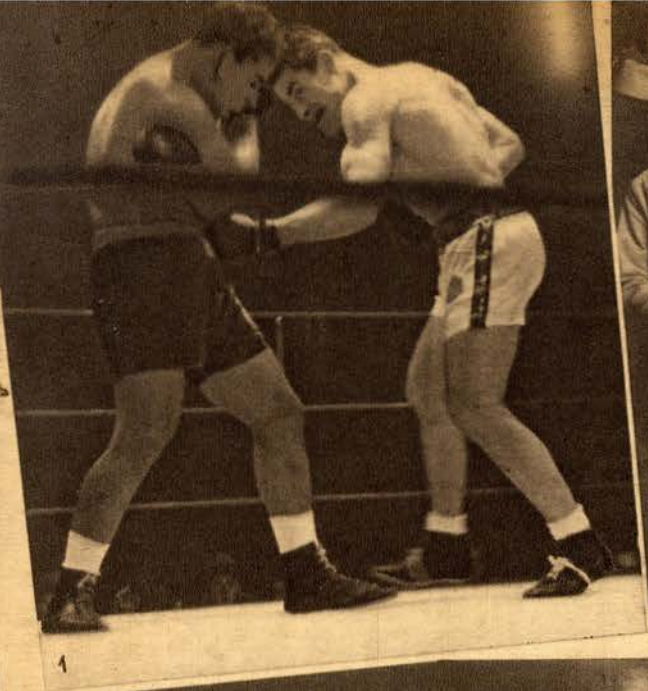
— Sim... Ficaram-me de emenda os teus japoneses...

— E não cultivou quaisquer outros desportos, além dos que V. Ex.^a já citou? — preguntámos curiosamente.

— A esgrima, por exemplo, que tenho como das mais atraentes modalidades da cultura física. E, como proeza digna de nota, informo-o que a minha força era respeitável, pois conseguí um record apreciável como... rasgador de baralhos de cartas!

— ???





1

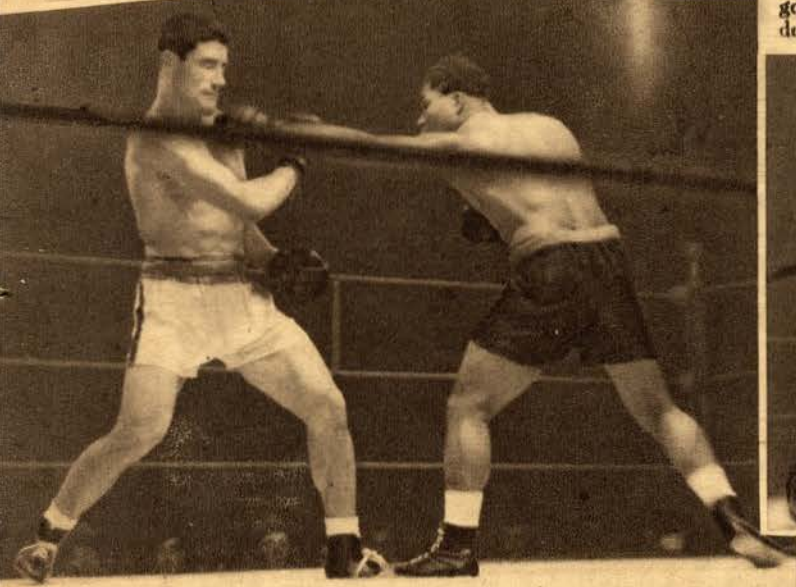


BOXE NO CAMPO PEQUENO

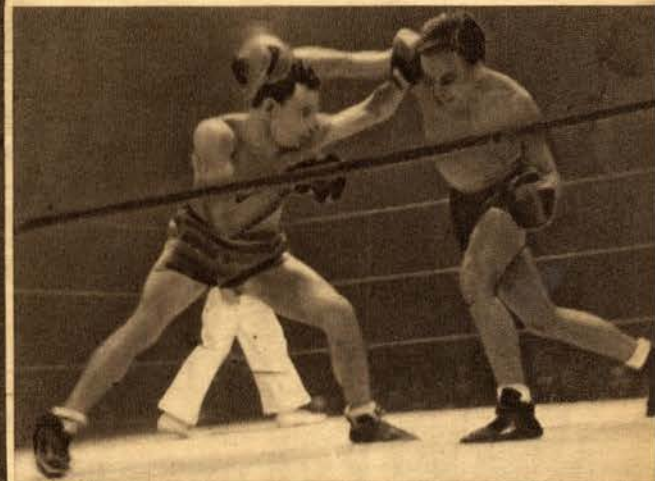
GUEDES E FRANÇA

CONSERVAM OS SEUS TÍTULOS

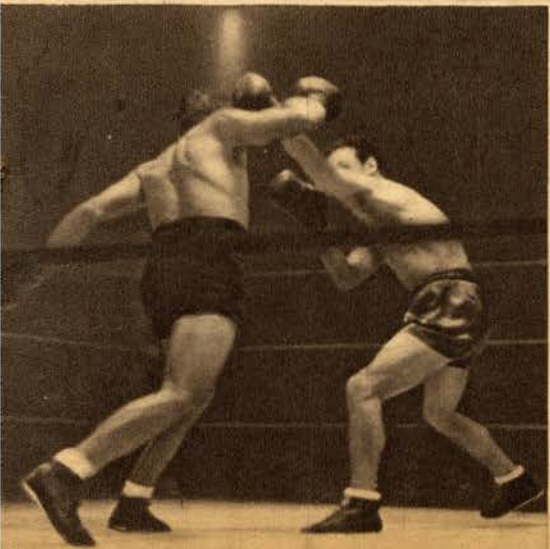
ANTÔNIO SILVA EFECTUOU UM ÓPTIMO COMBATE



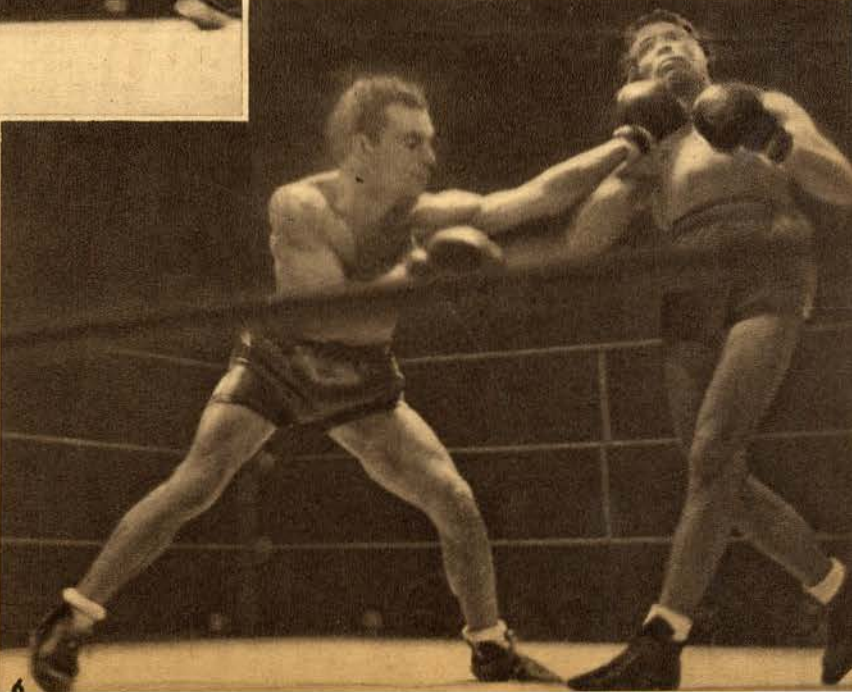
2



1 — Guedes atinge com a esquerda o fígado de Matos; 2 — Matos mantém Guedes a distância; 3 — Aspecto da assistência com os populares "diestros" Carlos Arruza e Gregório Garcia na primeira fila; 4 — Bom golpe de Miguel França; 5 — Antônio Silva entra na guarda de M. França; 6 — Colossal directo de França ao queixo de Silva.



4



5

OS GRANDES TORNEIOS DO FUTEBOL

Vitória do Sporting num encontro puro de competição, nas Salésias

O campeonato entra numa fase de menor interesse

Comentários gerais à 7.ª jornada

Crónica de TAVARES DA SILVA

AINDA longe da meta — o problema do campeonato de futebol de Lisboa parece estar resolvido. Mais uma vez, entre tantas, numa história que não tem rival, o Sporting se vai apoderar da coroa lisboeta — passando para o campeonato nacional cheio de prestígio e beleza. É certo que aí, noutro capítulo da época, o horizonte poderá mudar de cor, e o verde transformar-se em vermelho ou azul, que sempre lhe andam cerca. Nem admira. Trata-se do colorido que o futebol português prefere. É certo que, verdadeiramente, a última palavra ainda não está ditada. Os trabalhos levantam-se na ponta dos pés. Um imprevisto faz desmoronar o castelo. Clube que tenha, por exemplo, uma desatenção, esquecido de que, em futebol, se paga muito cara a ocasião perdida de dominar e esmagar o adversário. Mas o Sporting deve estar alerta. Três pontos de diferença do 2.º, com dois desafios com adversários de mais baixa categoria e no próprio solar dos leões, e sómente com um encontro grave, afigura-se-nos realmente caso para relativa tranquilidade.

Isso não deixará de exercer influência na disputa da parte que ainda resta. Ressentindo-se o futebol no aspecto de qualidade, e também quanto à assistência; fenómeno financeiro. Os torneios são assim mesmo. Têm altos e baixos. Para a regularidade. No fundo, é a *classificação geral* que lhe dá o interesse e ali o valor. Coisa curiosa: é precisamente num campeonato de forças equilibradas, e em que lódes as partidas se apresentavam e apresentam difíceis, que o Sporting consegue, a um traço da liquidação final, uma vantagem que faz sombra em todos os redores.

A 7.ª jornada foi digna, em linguagem futebolística. Os jogadores esforçaram-se, não dando talvez imagens técnicas perfeitas mas jogando com a vibração e o espírito de sacrifício que constituem os melhores caracteres da chamada competição. Nas Salésias como no Campo Grande (foi pena que no lumiar A o número de unidades não tivesse ficado intacto) registaram-se períodos francamente agradáveis. Nem causando o ponto que esse jogo fosse essencialmente de velocidade, energia e vibração, pois esses têm sido, através de todos os tempos, os grandes dados do futebol português.

Numa altura da época em que as *linhas* estão já feitas não admira igualmente que apareçam em campo as mesmas composições, e lá numa ou outra posição um jogador chamado das reservas pelo imperativo das lesões (o papel do *suptente* alinge grande relevância nos torneios). Todos os grupos apresentaram, mais ou menos, as mesmas formações em campo, no passado domingo. Anote-se, no entanto, a aparição de Rocki, que vinha a dar nas vistas na reserva do Sporting; o regresso de José Pedro ao ataque de Belém e a ausência de Eloy; a inovação de Catinena II na defesa do Atlético; e a falta de Tanginho na Cuf. Tudo isto, no fundo, teve a sua explicação. Ou por lesão dos titulares, ou pela lei dos castigos. Ou pela necessidade de rasgar novos horizontes.

Embora se jogasse com empenho, duro, forte e feio, as lutas nunca perderam o tom de correcção e não ser no lumiar, exigindo o caustico desagradável das expulsões. De resto, a gente não sabe bem qual o tom da partida, em virtude de se tratar de um árbitro que não tem lá meias medidas, pois expulso do terreno por faltas mínimas. Não haverá outro por aí neste género. Tendo a impressão de que o melhor árbitro é aquele que mais expulsa, quando é precisamente o contrário. Enfim, Lourenço e Pereira, do Estoril, como Vergílio, da Cuf, encaminheram-se mais cedo para o vestiário, não deixando de arrumar os bolos, por força regulamentar, durante algum tempo.

Já que falámos de arbitragens é de justiça destacar a regularidade de Serandeses, no Campo Grande, e o critério *saudável* de Domingos Godinho, nas Salésias, deixando desenvolver o jogo na toada firme e emocionante da dureza, sem quebra do prestígio do jogo, e ainda sem demoras enervantes que, aliás, dão cabo do futebol.

O desafio das Salésias no seu aspecto de «final»

A partida das Salésias apresentava *care* e cruz igualmente do mais alto valor. O desafio valia como *final* para qualquer dos contendores. O Belenenses precisava dos três pontos para não abandonar a visão do título. O Sporting, embora pudesse consentir a derrota, sabia também que a *certeza* do título seria ganhar margem suficiente para se apresentar mais tarde no Campo Grande com face presenteira. Quere dizer, no consciente dos jogadores havia a opinião formada de *dar as últimas*. Não nos venham falar em técnica ou na geometria dos passes e combinações

— quando assim acontece. Necessariamente, tudo quanto o jogador faz em campo não poderá ter o cunho da serenidade, e do raciocínio frio e calmo, como convém ao sistema da *triangulação* adoptado entre nós pelo veículo do treinador, com importação de países de raça muito diferente da nossa. Em compensação, a partida pode resultar um belo espectáculo, porque outras qualidades aperecerão no rectângulo. Foi na verdade o que aconteceu. Nada mais belo que a, memorável partida das Salésias, disputada com singular energia e vibração, e o esforço generoso dos jogadores, do princípio ao fim, rendendo o máximo, ao ponto de, quando acabou o jogo, caírem extenuados devido à grandeza do seu sacrifício. Isto, de parte a parte. Talvez mais visível no Belenenses, o que revela, pura e simplesmente, melhor preparação física da parte do Sporting. Quando as coisas se passam assim, não se deve incriminar um *team* pela derrota mas sim juntar os dois grupos no mesmo aplauso e saudação.

De resto, o Belenenses cumpriu a sua obrigação. Primeiro, indo ao ataque, e, nesse começo, envolvendo a organização sportinguista; depois, quando a máquina do seu adversário começou a funcionar com regularidade, conseguindo ainda a resposta necessária para imprimir o carácter de equilíbrio ao jogo; em seguida, encontrando forças para se colocar em vencedor (nessa altura já Rafael estava a contos com o enforço). Só no fim, quando a bola de Cardoso abriu o caminho da glória, o Belenenses deu mostras de desorientação, deixando-se dominar em jogo e território.

O Sporting tornou bem patente a força do seu *team*. É que, em todo o desafio, mas particularmente na fase de insistência belenense, pôs a funcionar todas as suas peças com equilíbrio notável, e isto caracterizou os grandes grupos. Quere dizer, quando o Belenenses dominou, o Sporting

OS JOGOS DA II DIVISÃO DA A. F. L.

Os encontros da II Divisão da A. F. L., efectuados há seis semanas, tiveram no último domingo repetição. Significa isto que começou a segunda volta da competição, aguardada com grande interesse, pela possibilidade de rectificar ou confirmar resultados dos primeiros embates.

É, num rápido confronto, verifica-se que tivemos duas desforças e que em dois desafios houve os mesmos vencedores, embora em condições diferentes: um mais dificilmente, outro com maior folga.

O Chelas não conseguiu mais do que duas bolas de vantagem, quando é certo que no dia 17 de Setembro alcançara cinco. O Operário obteve melhor «score» do que então. Finalmente, Fofosforos e Olivais lograram reabilitar-se. Conclusão: melhoria do Casa Pia, crise mais acentuada do Marvilense e subida do Fofosforos e Olivais.

A classificação ficou assim ordenada:

1.º Chelas, 21 pontos; 2.º Futebol Benfica e Fofosforos, 19 pontos; 4.º Operário e Olivais, 18 pontos; 6.º Sacavenense, 13 pontos; 7.º Casa Pia A. C., 12 pontos; 8.º Marvilense, 8 pontos.

Ve-se que há, assim, dois grupos distintos, separados pela diferença de cinco pontos, que deve tirar ao Sacavenense e Casa Pia (é inútil apontar o Marvilense as poucas esperanças que lhes podiam restar).

A luta deve interessar agora — e bastante — ao Chelas, F. Benfica, Fofosforos, Operário e Olivais. Do primeiro ao quarto vão só três pontos de diferença. Para nós, acreditamos mais nas possibilidades do Chelas e Fofosforos.

No domingo, os avançados foram menos realizadores do que há seis semanas. Marcaram-se só 14 goals.

Os encontros de domingo tiveram os seguintes resultados:

Casa Pia-Chelas.....	1-3
Olivais-F. Benfica.....	1-0
Marvilense-Operário.....	1-4
Fofosforos-Sacavenense.....	4-0

Dois vitórias para os visitantes e duas para os visitantes.

O empate imposto oito dias antes pelos caspianos aos benfiquenses parece ter constituído precioso aviso para os chelenses. Pelo menos assim o indica o entusiasmo com que os pupilos de João Rosa iniciaram a luta contra os rapazes do Casa Pia A. C. Ainda bem que tal sucedeu, porque desta maneira o desafio tornou-se agradável. Os chelenses ao segundo tempo defenderam bem a vantagem de dois «goals», alcançados antes do intervalo, graças à maior decisão dos seus avançados. Os caspianos foram bons adversários e dignos vencedores.

Que os olivealenses, no seu campo, são «caso sério», ficou mais uma vez demonstrado. O Futebol Benfica sofreu ali o seu primeiro fracasso, ainda que por um resultado que não deslustrava. O maior sentido prático dos «encarnados» dos Olivais, em contraposição com o exagero de passagens dos dianteiros visitantes, e depois a defesa aguerrida do resultado, justificam o desfecho da luta.

O desafio Marvilense-Operário parece ter tido um resultado em que há algo de lisonjeiro para os visitantes. Na verdade, se cada equipa houve o seu quinhão de domínio, pode ser exagerada a diferença de três «goals» a favor de um dos contendores. Decididamente, a falta de confiança nos próprios recursos é desvantagem apreciável. É o caso do Marvilense, que ao mesmo tempo que se inferioriza dá alento aos adversários...

Finalmente, o Fofosforos continua a sua brilhante carreira. No domingo, como na jornada anterior, creditou-se do resultado mais expressivo. Esta circunstância, aliada ao abaixamento do Sacavenense, tornou natural o desfecho da pugna. A maneira como o desafio decorreu — sempre com vantagem dos locais — justifica amplamente o resultado.

ZÉ DO PEÃO

Campeonatos Regionais

No Pôrto e na Província

não foi dominado, visto conseguir fazer com segurança o *jogo de posição* na defesa, conservando alerta todas as forças de ataque, e prontas a entrar em acção ao mais leve acento. Na fase do fim — o *team* assumiu proporções gigantescas, dominando pela grandeza do seu esforço. Os sportingistas traçaram, aquando da conquista do triunfo no quarto de hora último das Salésias, um dos mais emocionantes capítulos da história clubista.

O Sporting apresentou a novidade da inclusão de Rocki, obrigando à passagem de António Marques para interior-direito e à colocação de João Cruz na extremidade esquerda. O grupo cumpriu — como já dissemos. Significa isto que o *suplente* se comportou como se *fora titular*. É nosso entendimento que a troca de Canário, talvez o melhor elemento no campo leonino, não favoreceu nada o que se passou. Quere dizer, com as peças nos mesmos locais teria sucedido a mesma coisa. Nomes a destacar: Cardoso e a sua especial autoridade no comando das operações; Barrosa, na sua faceta de meio-centro ocorrendo a todos os pontos; Peyroleo, o avançado que se esforça em tal medida que consegue contagiar os companheiros e a assistência; António Marques, Irahalhador e de bom achulo.

Azevedo teve coisas boas e más. Também no Balenense, de um modo geral, julgamos a defesa, considerada em bloco, de nota mais elevada que o ataque. Feliciano, Gomes e Serafim portaram-se excelentemente. Armando realizou um *goal* fulgurante. José Pedro reapareceu sem o *juiz* de que é capaz. Queresma esforçou-se. De Rafael não se pode dizer nada, devido à sua lesão. Afirma-se, no entanto, que, mesmo na segunda parte, o seu concurso foi valioso. Já do outro extremo ficámos sem uma ideia definida, mas com a certeza de que não basta, no caso da competição, ter apenas habilidade. É preciso também resistência ao embate e à fadiga.

A eribragem de Domingos Godinho agradou por completo, tornando possível que o *jogo* se desenvolvesse sem paragens absurdas, que lhe tiram grande parte do encanto.

Jogo equilibrado no Campo Grande. O primeiro triunfo — justo — da C. U. F.

No Campo Grande também se disputou uma verdadeira partida de campeonato, viva e ardente, e ainda indecisa até o último momento, por assim dizer, que é fundamentalmente o que aguçou o interesse do *jogo*.

Não só pelo resultado propriamente dito, mas ainda pela forma como o Atlético se comportou em campo, jogando de igual para igual e com a ideia de ataques, não há dúvida que a equipa se dá ao maior dos esforços para ver se atinge a sua máxima medida. Parece-nos que, realmente, o grupo tem fundo para não estar

ESCLARECIDO — e sem discussão — o primeiro lugar do campeonato regional, ficaram frente a frente duas equipas a estabelecer luta para o pósto que dá entrada no torneio maior — o Boavista e o Salgueiros.

Este recebeu a visita do Académico. Houve certa dose de sorte pelo seu lado. De facto, a má visão do árbitro, por um lado, e a sorte pelo outro, ditaram o vencedor do encontro — o Salgueiros. Este continua a actuar na sua forma já lendária: energia, combatividade, canceira na luta, dando tudo por tudo. O Académico, embora a melhorar um quasi nada, acordou tarde...

Na 1.ª parte as «encarnadas» deram-se a uma luta sem tréguas, que se traduziu num domínio territorial, assegurado por dois «goals»: um por Oliveira II, na conclusão de um canto, e o outro de «penalty» forçado, por mão de Jorge, que Rebelo transformou. Na 2.ª parte, a fisionomia do encontro foi outra; os academistas apresentaram-se a jogar com certa desenvoltura, procurando estabelecer o equilíbrio do marcador. Talvez que se tem sido assinalado um «penalty» flagrante — o árbitro não pode ver tudo... — O Académico houvesse espavetado mais, e se registasse um «volte-face» no encontro. Mesmo assim, o apêgo dado à luta pelos academistas merecia outro resultado.

O F. C. do Pôrto cometeu proeza especial em Leza, derrotando a casa pelo resultado pensado de 5-1, depois de ter chegado ao intervalo empatado a 1-1. Mas não se cuide que esta expressão numerica seja o resultado de acção extraordinária por parte dos campeões regionais. O F. C. do Pôrto continua a dar que pensar aos que olham o torneio nacional. Na 2.ª parte o F. C. do Pôrto conseguiu enfim um «melhor fim de jogo», apresentando-se com convicção em frente das rédeas lezianas, nas quais o seu guarda-lua, Dias teve uma tarde de certo relevo.

O Boavista viu, no último minuto, assegurado o triunfo, que lhe fugia. De facto, até final subsistia o empate a 2-2, depois de um *jogo* muito regular, com o domínio dividido por ambos os meios-campos. Continua a assistir-se ao excelente esquema de *jogo* com que o Boavista delicia os amadores do futebol, mas com o mesmo e eterno defeito: remate deficiente ou extemporâneo. No ataque salientaram-se os dois interiores — mais pelo apoio dado ao sector intermédio, que continua sendo frágil e inferior.

O Leixões batalhou, queimou energias sem conta, mas sempre o mais remate dos seus dianteiros ou a barreira da defesa dos axodrezados inutilizou tudo. Foi o Boavista que teve a sorte por si: justamente ao cair do último minuto, Serafim construiu a vitória. E o Boavista vai jogar, agora, a sua *chance* para arrancar o 2.º pósto no campeonato regional.

na posição de lanterna vermelha em que se encontra.

O Atlético consolidou o seu desfecho com o entrada do irmão Catinans. Desde que o guarda-rédes consiga inspirar confiança à equipa, o bloco defensivo ainda se fortalecerá mais. A ideia de ataque posta em campo pelo Atlético obriga a própria defesa a trabalhar muito árduo. Ora, a defesa, mesmo com o senão de deixar os movimentos livres ao extremo esquerdo do Benfica, e daí resultou grande perigo, saiu-se airosoamente do caso.

O Benfica não realizou uma partida famosa, fazendo, no entanto, o suficiente para ganhar. A sua subtil exploração da linha contrária, no sector defensivo, deu-lhe enfim a vitória. A sua defesa também não esteve feliz, conjugando mal os movimentos e deixando *brancos* no terreno, num sítio onde nunca poderá haver buracos.

A falta de entendimento também se notou na linha avançada, vivendo de esforços isolados, sempre e sempre. Ora isto não pode representar um sistema de *jogo* à luz da concepção moderna.

— No Lumiar, o desejo ofereceu excesso interesse. O *team* da Cuf conseguiu o seu primeiro triunfo. Diga-se desde já: com inteiro merecimento. O grupo jogou sempre ao ataque — insistindo, mesmo quando a sorte do *jogo* lhe era adversa.

A sua insistência, e esta ideia repellido de ataque, acabou por dar os frutos da vitória, porque a defesa do Estoril, sobretudo a linha média, acabou por ceder. No entanto, o *jogo* teve pouco de agradável, com golpes num e noutro campo. Deverá também dizer-se que o desejo começou rápido, para, aos poucos, decair, e acabar lento, num grande abuso de passagens.

O encontro concedeu a desagradável nota das expulsões, uma delas por causa que todos viram, outras por causas que fugiram à assistência, sendo apenas do conhecimento do árbitro.

ALGARVE — Um triunfo excelente: o do Portimonense, em Loulé, por três «goals» sem resposta. Foi a única vitória de visitantes. Nos outros dois *jogos*, registaram-se vitórias dos visitados: facilidade em Olhão (11-0 ao Glória) e difícil em Vila Real de Santo António (Lusitano - Sp. Faroense, 5-1). A três jornadas do final da competição, o Olhanense continua favorito (22 pontos e 48-6). Seguem-no, pela ordem: Portimonense e Lusitano, 17 p., 25-15 17-11; Faroense, 14 p., 19-6; Glória, 9 p., 6-53; Louletano, 7 p., 4-31.

AVEIRO — Última jornada da primeira volta: Oliveirense-Ovarense, 3-2; S. Joãoense-União de Lamas, 6-2. E nada transparece quanto ao possível vencedor... Sporting de Espinho, Desportivo S. Joãoense e União Oliveirense continuam com maior número de votos; mas sómente a segunda volta pode dar-nos indicações.

BEJA — O Desportivo ganhou ao S. Domingos, por 3-2, mas o Luso tem todas as probabilidades de vir a ganhar — a não ser que o União se lhe «embarce» no caminho.

BRAGA — Resultados da segunda «onda» da competição final: Vitória de Guimarães-Famalicão, 4-1; Sporting de Braga-Gil Vicente, 6-0; Vianense-Sp. Fafe 3-0; Fafe-Vizela, 5-2. Os vimeiraneses parece que querem permanecer campeões; e aos de Vizela deve estar reservado o último lugar.

CASTELHO BRANCO — Zona Norte: Sporting da Covilha-Covilhãenses, 7-2. Zona sul: Sporting de Castelo Branco-Imperio Ceboleense, 3-0. Por agora, tudo na mesma, quer dizer, os «leões» covilhãenses têm quasi assegurado o título.

COIMBRA — Batendo os «navalistas», por 4-1, a Associação Académica deve ter resolvido a questão do título, embora os «unionistas» (com 5-1 ao Sport) lhes sigam na esteira. O Lusitânia foi à Anadia e perdeu por 2-6, resultado que estava fora de quaisquer previsões. Classificação: Académica, 23 pontos e 31-7; União, 19 p., 68-8; Naval, 14 p., 15-17; Sport e Anadia, 11 p., 12-26 e 10-25; Lusitânia, 10 p., 8-29.

ÉVORA — Começaram as «surpresas»: no domingo anterior, o Lusitano derrotara o Juventude; e neste foram as derrotas do mesmo Lusitano, em Extremós, por 1-3 e do União de Montemor, aqui, em Évora, pelo Juventude, com dois «goals» sem resposta. Os montemorêses ainda não tinham experimentado a derrota — e esta talvez lhes custe um título. Quere dizer: o Juventude voltou a empacurar com o União, 12 pontos, 15-8 e 15-8; Lusitano é terceiro, com 10 pontos e 7-12; e Estremós está em último, apesar de tudo, com 7 pontos e 8-15.

LEIRIA — Últimos resultados na zona norte: Império Atlético Marinhense, 0-0; S. L. Marinha-Alcobaça, 2-1; Comércio e Indústria-Nazarenos, 5-2. A notar o empate imposto, pelo novel Império ao «leader» e as vitórias dos «encarnados» marinhenses, em Alcobaça, e do C. L. em Nazare.

SANTARÉM — Nas três zonas: Ferroviários-União de Tomar, 1-0; Tomar-Rossio de Abrantes, 3-1; Matreana-Alcanenense, 4-1; Operário Vilafranquense-Sporting de Alenquer, 6-2; Alhândra-Aguia Vilafranquense, 0-0. De interessante, os triunfos que conquistaram os «operários», de Vila Franca, em Alenquer, e o Matreana, em Alcanenense.

SETUBAL — A décima primeira jornada comportava dois *jogos* de grande interesse — Cuf-Vitória e Onça Unidos-Barreirense — que poderiam modificar a classificação. Afinal, tudo como dantes, quanto aos vanguardistas da prova. Só o Seixal subiu na tabela, ficando agora três clubes com os mesmos pontos no quarto lugar (Seixal, Cuf e Amora).

Os setubalenses encaram certamente o seu encontro no Barreiro com algumas apreensões, mas os «eufistas» apresentaram em campo uma equipa tão deficientemente constituída (médios a avançados e vice-versa) que os campeões, aproveitando ainda erros sobre erros da defesa contrária, chegaram ao intervalo com 5-0 a seu favor. No segundo tempo, porém, a Cuf reconheceu o defeito apontado e pôs tudo nos seus devidos lugares, conseguindo reduzir a desvantagem para 5-3. O Vitória só descansou, impondo, então, equilíbrio, com a marcação do seu sexto «goal», que veio a ser o último da partida.

Mais difícil foi para o Barreirense a sua visita ao Montijo. O próprio «score» (1-0), indica que os visitantes ganharam, mas suaram...

O Seixal obteve a marca mais robusta até agora, que fica como compensação de alguns desgostos sofridos, 7-0 sobre o Amora, só podem explicar-se com esta verdade, excelente acção dos vencedores e desacerto manifesto dos vencidos...

VISEU — O Académico venceu o grupo dos «encarnados» por 4-0. E isto, é um resultado... histórico! Porque os vencidos de agora, vencedores na primeira volta, não esperavam tão forte réplica...

Um homem com a barba por fazer

Que feio! Tão pouco elegante! Diremos até: não agrada a ninguém e dá a impressão de pouco assio. Mas quantas vezes o motivo é a pele, que não admite a lamina senão de dias a dias: um martírio!

Pois bem: faça a barba e aplique Glycol — é ideal da pele — só Glycol, e verá como obtém resultados maravilhosos e pode barbear-se todos os dias.

A venda nas principais casas da especialidade e boas farmácias.

Deposítários gerais: Ventura d'Almeida & Pena, rua do Guarda-Mor, 25, 3.ª, esp. (a Santos), Lisboa.

Enviámos amostras contra 3850 em selos de correio, nome a morada.

Homem moderno



faz diariamente a barba com creme OATINE de barbear, o produto preferido não só no Império britânico como em todo o Mundo Civilizado

OATINE
Loção para depois de barbear
Produtos de beleza
Perfumarias de fama Mundial



MADEIRA DO COFÓVOLA, L. V.



O Sporting!

transpôs um obstáculo difícil!

BELENENSES-SPORTING: 1 — Acácio lança-se audaciosamente aos pés de Peyroteo e arrebatam-lhe a bola; 2 — Rafael e Azevedo «embrulham-se» — perante o ar... «indiferente» de Manuel Marques; 3 — A intervenção de Feliciano não evita o remate de Peyroteo — mas a bola vai sair ao lado da baliza; 4 — De novo Peyroteo e Feliciano na sua eterna luta...; 5 — Enquanto Gomes se bate com António Marques, João Cruz e Varela observam...; 6 — Prostrado, Acácio não pode evitar o 2.º «goal» do Sporting. BENFICA-ATLÉTICO: 7 — Como foi marcado um dos «goals» do Benfica — aliás bem focado neste instantâneo; 8 — Paiva sai a tempo para evitar a entrada de Teixeira. Gregório, porém, estava em guarda... C. U. F.-ESTORIL: 9 — A disputa da bola junto da grande área dos «cufistas»; 10 — Uma defesa de Valongo — bem protegido, por sinal...

Chaves de todos os modelos

Perdidas? Partiram-se? Roubaram-lhas? — mande fazer outras na

CASA DAS CHAVES

de Amadeu Gomes da Fonseca

R. da Mouraria, 3 (Frente ao Cinema) Tel. 20050

O QUE SE PASSOU NO CAMPO PEQUENO

GUEDES e FRANÇA

conservam os seus títulos

António Silva efectuou um óptimo combate

Crónica de RAFAEL BARRADAS

NO Campo Pequeno efectuou-se na última quarta-feira outro sarau de pugilismo, cujo programa compreendia dois combates, nos quais se jogavam os títulos de campeões das categorias respectivas. No primeiro, Miguel França batia-se finalmente com António Silva, seu persistente rival e a quem foram reconhecidos méritos suficientes para principal desafiante; no segundo, Agostinho Guedes lutava contra Fernando Matos, um dos poucos adversários capazes de o pôr em prova, após um longo intervalo de paralização forçada. Enquadrando estes combates, outros de menos interesse opunham Jorge Tafói a Jack Freitas e João Teixeira a Manuel Braga.

No encontro de abertura vimos Jack Freitas (60,2 kg.) succumbir ao primeiro assalto, dominado pela impetuosidade e poder de golpe de Tafói (61,5 kg.). A lentidão, cada vez mais acentuada — tanto mental como física — de Freitas, não pôde contrariar o desembaraço do antagonista. O árbitro, sr. José dos Santos, suspendeu a luta e proclamou vencedor o moçambicano, por K-O.

No combate imediato, as cenas do anterior voltaram a repetir-se, mas com outros personagens. Manuel Braga (71,5 kg.) arremeteu prontamente e lançou ao solo por duas vezes — uma com 4 segundos de duração e a outra com 7 — o seu adversário, João Teixeira (74,2 kg), que preferiu desistir, levantando o braço de Matos, a continuar combatendo por diante. Arbitrou o sr. Aluizio Falcão.

Depois de um pequeno intervalo, subiram ao ringue os pesos leves Miguel Fonseca, campeão nacional (60 kg.), e António Silva (61 kg.). Arbitrou o sr. Machado Júnior, que serviu também de juiz, secundado nesta função por José de Araújo e por Aluizio Falcão.

Desde os primeiros instantes foi manifesto que o poder físico, a agilidade e a esgrima de Silva superavam os atributos do titular. França, lento e inseguro nas acometidas, é socado com violência em *swings* atritados de longe e com *uppercuts* que encontram e abrem caminho na guarda defeituosa do campeão. No entanto, registamos um «contra» bem aplicado por França no sobrolho de Silva, com a mão esquerda, e que pareceu a muita gente uma cabeçada. O assalto terminou com vantagem para o desafiante, por 20/18.

Durante o assalto seguinte, Silva mostra-se nervoso e desorientado, entrando de cabeça com toda a deliberação, provocando o jogo perigoso e permitindo a França a aplicação de alguns socos frouxos mas certos. Vantagem do campeão por 20/17. Silva recebe um aviso público, feito pelo árbitro.

No 3.º assalto, os dois homens socam-se mutuamente com dureza e França é abalado por duas vezes. Silva, mais senhor de si, move-se com desenvoltura e rompe o combate para esquivar as tentativas do campeão. Jogo igual, ou seja 20 pontos para cada homem.

O 4.º assalto é muito activo e violento. O ataque partiu de França e Silva riposta, abalando o antagonista. Pouco depois é duramente socado, também, com *uppercuts* e *hooks*, mas em seguida lança dois *swings* ao flanco, de efeito. Vantagem de Silva, por 20/18.

O 5.º round é caracterizado pela mobilidade de Silva, que cede perante a insistência de Miguel França. Para o final ambos trocam alguns socos duros e o campeão ganha o assalto por haver atacado com denodo. França 20 — Silva 18.

O 6.º round é um dos melhores do comba-

te. Durante ele, Silva domina e trabalha com muita arte, quer batendo, quer esquivando. França sangra do nariz e titubeia. Vantagem de Silva, por 20/16.

No 7.º round França continua a perseguir António Silva, que esquia e rompe o contacto. Quasi no final, trocam-se golpes duros de um lado e outro, no nariz. Assalto empatado: 20 pontos para cada homem.

No 8.º assalto o domínio de Silva foi muito acentuado. Abalou Fonseca com um golpe potente e impôs-se de continuo, batendo duro na cara e findando o round na perseguição do antagonista. Silva 20 — França 15 pontos.

Durante o assalto seguinte, França toma a ofensiva e persegue o adversário, alcançando-o com directos ao queixo e nariz. A poucos segundos do fim, Silva manobra e aplica dois bons socos na cara do campeão. França 20 — Silva 19.

O 10.º round pertence ao desafiante, que mostra mais mobilidade, óptimas esquivas e maior poder. França mantém-se na ofensiva e procura a batalha, mas é dominado. Silva 20 — França 17.

O 11.º assalto diferiu totalmente do anterior. O campeão força o andamento, enquanto que Silva, claramente fatigado, furta-se à luta e só a espaços contesta. Vantagem de França por 20/17.

O 12.º assalto é a repetição do anterior, acentuando-se melhor a fadiga do desafiante e a persistência do titular. Marcado domínio de França por 20 — 15.

Adicionando a pontuação dos dois pugilistas — o que só nos foi possível efectuar calmamente depois de regressarmos a casa — acham-se 226 pontos para António Silva e 224 para Miguel França. A diferença de 2 pontos é considerada insuficiente para atribuir a vitória a Silva, posto que, segundo o critério em vigor, eram precisos mais de 6 pontos de diferença entre as duas pontuações, isto é, meio ponto por assalto, em média. O empate impunha-se, segundo a nossa maneira de ver.

O árbitro, sr. Machado Júnior, ao receber os boletins dos colegas, não reparou convenientemente nas decisões que os mesmos haviam expresso e que eram favoráveis a Miguel França, dirigindo-se para o canto de Silva, a quem proclamou vencedor.

Ora o único boletim que apontava este último como vitorioso era o dele! Em seguida, o delegado da Direcção Geral foi procurado pelo sr. Costa Lima, em nome de Miguel França, que, protestando contra a decisão, o informou de que havia certamente um engano na leitura dos boletins.

Nestas circunstâncias houve necessidade de analisar *in-loco* os três documentos, verificando-se então que as pontuações totalizadas pelo árbitro e um dos juizes correspondiam à decisão de empate, e que a do sr. José de Araújo era favorável a Miguel França. O único caminho a seguir era, e foi, de comum acordo com os juizes, rectificar a decisão anunciada ao microfone, publicando-se a verdadeira e que se

deduzia da pontuação numérica de cada boletim.

Se bem que estes factos sejam de lamentar e tenham de se corrigir, evitando casos futuros, o delegado da Direcção Geral tinha por obrigação — uma vez que lhe fôra solicitado exame dos documentos por uma das partes interessadas — de proceder consoante a verdade e repôr as coisas no devido lugar. Habitualmente e segundo o costume, esse exame dos boletins realiza-se no dia imediato ao das provas, mas só houve benefício em se ter feito a rectificação no recinto da luta...

Queremos agora chamar a atenção dos nossos leitores para a prosa de certos «plumitivos» que fizeram referência a este acontecimento e que o não compreenderam, nem procuraram indagar os motivos que o originaram. É difícil ultrapassar certos articulistas em incompetência e petulância, qualidades estas que bem misturadas dão um saboroso caril de pobreza de espírito. Em toda a parte do mundo, excepto talvez nas regiões polares, se admitem e rectificam erros de leitura e observação ou de interpretação de regras. O célebre combate entre Carpentier e Battling Siki, disputado em Paris, há 22 anos, foi um deles, e nós citamo-lo para confundir os *colegas* mais surpreendidos e menos documentados...

No fim do 6.º assalto, antes de tombar Carpentier com uma chuva de golpes, o preto passou-lhe uma rasteira, o que levou o árbitro a proclamar Carpentier vencedor por desclassificação. Em seguida, os dois outros juizes, discordando do parecer do colega, por motivos que seria ocioso discutir, anularam a decisão anterior e deram a vitória a Siki, porque *isso era um acto de justiça e correspondia à verdade!*

Nós estamos aqui vendo os *colegas* sabichões a procurar uma saizadita pelas trazeiras...

Por muito que uma decisão do árbitro ou dos juizes escandalize o espírito do delegado da Direcção Geral, ele nunca a modificará espontaneamente. Mas quando haja qualquer engano ou falta de cumprimento das regras do combate, não terá outro remédio!

A injustiça, porém, de vir a público afirmar que a decisão foi modificada porque o delegado da Direcção Geral *não concordou com a opinião do árbitro*, o que é redondamente falso, como atrás se demonstra, é obra ou de um irresponsável ou de um imbecil, ou é um acto premeditado para se atingir aleivosamente um organismo oficial na pessoa de quem o representa.

A sessão terminou com o combate Guedes-Matos, para o título dos meio-pesados. Agostinho Guedes, depois de larga ausência, apresentou-se bem preparado e fez um combate inteligente, embora prudente demais para um titular. Jogando de longe e movendo-se com grande agilidade, levou os doze assaltos a neutralizar as tentativas de Matos, sem se expôr e mostrando-se capaz de trocar golpe por golpe se fôsse necessário. O público, que desejava assistir a um duelo violento, ficou decepcionado e mostrou a Guedes o seu sentir, no final, assobiando-o injustamente.

A vitória de Guedes (78,8 kg.) por pontos foi certa e por unanimidade. Matos (79,6 kg.) mostrou-se muito lento e pouco agressivo, mas efectuou uma boa exibição.

Arbitrou o sr. José de Araújo, secundado pelos srs. Aluizio Falcão e Machado Júnior. O trabalho dos árbitros, principalmente os dos combates para os títulos, foi bom — sendo apenas de lamentar que a leitura dos boletins, e bem assim a maneira como em dois deles se apurou o vencedor, não se tivesse feito com mais atenção e calma.

Todavia, devemos reconhecer que a maioria dos indivíduos que mais barafustam contra o procedimento dos árbitros seria incapaz de fazer algo de parecido — quanto mais de fazer melhor!

E se repararmos no ambiente quasi sempre hostil com que os árbitros são recebidos pelo público, é justo ser um pouco generoso e esperar que eles, com tempo e com prática, melhorem francamente as suas futuras acções.

O aniversário do LISGÁS

Acaba de completar nove anos o Lisgás, facto que registamos com as nossas sinceras felicitações. Este aniversário será comemorado dentro de pouco tempo com um banquete de confraternização entre dirigentes e dirigidos.

Vem a propósito referir que o Lisgás tem actualmente em franca actividade secções de ciclismo, boxe, «basket», «chechey» em patins e patinagem artística.

BASTAS vezes temos escrito que o ciclismo é, como desporto, das modalidades mais espectaculares e de maior beleza, que proporciona atitudes de verdadeiro cavalheirismo, onde predomina quasi sempre um sentido de luta leal e de cunho desportivo e que, sob o aspecto de técnica de execução e de tática, dá ensejo a lances que nenhuma outra actividade desportiva pode patentear.

Embora reconhecemos que somos incorrigíveis enamorados da bicicleta, «sentindo» como poucos as suas incomparáveis virtudes, não julgamos todavia que a nossa opinião enferme de conceitos exagerados.

A prova Lisboa-Santarém-Lisboa — que o Desportivo «A Iluminante» em tão boa hora promoveu e que foi das mais belas competições dos últimos anos — constituiu, com o mérito que a caracterizou, o último argumento conclusivo para dar razão ao que afirmamos. E, assim, podemos dizer mais uma vez que o ciclismo é um desporto muito singular, em que a luta atinge por vezes proporções difíceis de descrever.

Luta de campeões

Partiram do Arriero cinco equipas, quasi todas ellas com elementos apetrechados para proporcionarem aos respectivos clubes a vitória individual ou de conjunto. No grupo do Sporting — o mais numeroso — João Lourenço era o chefe de fila, tendo a acolitá-lo Aristides, Mourão e Inácio, e mais os segundos planos, «Bartolo», Joel e Dias Santos. O rápido Eduardo Lopes era a esperança número um do Iluminante e seria ajudado, conquanto menos eficazmente que os «leões», por Jorge Pereira, Rocha e Luis Santos. Os portugueses Jorge Moreira, Aniceto, Império e M. Pereira, embora formassem dois grupos — F. C. do Pôrto e Salgueiros — coligar-se-iam contra os lisboetas, sendo portanto homens com quem havia que contar. E a juntar a estes 14 estradistas partiram também o voluntarioso Jorge Ferreira, o hábil Baltazar e o recém independente Manuel Jorge.

Reconhecendo e respeitando o valor dos adversários, embora sem temer esse valor, pouco depois da partida houve logo quem experimentasse a fuga. Desta tática, imposta por Moreira e Jorge Pereira, nada resultou — porque o vento era forte, a soprar de frente, com vantagem para quem seguia abrigado. Em conclusão: as «descologas» eram difíceis.

No entanto, foi precisamente por se respeitar o mérito dos companheiros de luta que se tentou neutralizar esse mérito, distanciando João Lourenço quando este ficou em Alverca, a mudar de roda. Mãos no fundo do guidão, revessando-se de quilometro a quilometro, «iluminantes», portugueses e sangalheses percorreram, contra o já citado vento, os primeiros 50 quilometros em 1 h. e 25 m. Por seu turno, João Lourenço, embora levando uma hora para concluir tal tarefa, pouco depois desses cinquenta quilometros estava no grupo da frente. Foram estas as duas proezas atléticas da corrida!

A cabeça ao serviço das pernas

Deixaram de imperar as qualidades atléticas dos corredores logo que estes se agruparam no Cartaxo. A meta aproximava-se e seria ousado queimar energias antes da rampa que antecedia a chegada. Mas como Lourenço ainda não se havia refeito da perseguição feita, e Imperio, também rápido, acusava os efeitos da queda que tinha dado de pareceria com Jorge Pereira, havia no entanto que espervitar a marcha na «citada» rampa, para que o sportinguista e o portuense não fizessem valer as suas qualidades de «sprinters» na recta da chegada. E então foi o próprio Lopes que, não deixando «adormecer» o andamento, passou ao ataque, se collocou na frente do pelotão e daí não saiu sem cortar o risco da meta.

Boa lição de tática, da qual o «iluminante» se saiu airoosamente.

Todos por um

Saiu de Santarem a equipa do Sporting apenas com a desvantagem de um ponto em relação ao grupo branco e azul, mas tendo os leões para «queimar» nada menos de seis ho-

OUTRA GRANDE PROVA DE CICLISMO

VITÓRIA ABSOLUTA de Eduardo Lopes

no LISBOA-SANTARÉM-LISBOA

O SPORTING triunfou por equipas, seguido do «Iluminante»

mena. Por seu turno, os pupilos de Piedade só podiam contar com dois — Luis Santos e Jorge Pereira.

Assistiu-se então a uma luta de «desgaste», em que Aristides, Mourão e Inácio se portaram como verdadeiros campeões. Desde a partida, esses quatro estradistas já mais deixaram de atacar, imprimindo à prova velocidade tal que permitiu percorrer a etapa da tarde, igual à da manhã, em menos 25 minutos.

Simplemente admirável esta tirada Santarém-Lisboa. E quando Armando Rodrigues ordenou aos seus homens o último esforço para «descolar» Lopes, que respondia de maneira assombrosa aos ataques dos quatro «leões», a corrida deixou de ser bela — para ser emotiva.

O ardor na luta era tal que o próprio Lourenço chegou a perder o contacto com a roda de Lopes, que corria na esteira de Aristides. Este fez até figura de possível vencedor ou segundo classificado, e isto porque Lopes o não largava.

Mas Lourenço, brioso, vendo o perigo, deixou por seu turno a roda de Inácio para ir no

encalço dos fugitivos. E assim o campeão de velocidade pôde remir-se, no Campo Grande, da derrota de Santarém, conquistar o segundo lugar na classificação geral e ajudar a conquistar para o seu clube mais dois trofeus.

Balanco de conjunto

Analisando este Lisboa-Santarem-Lisboa sob o ponto de vista desportivo, alheando-nos dos resultados — como compete à critica — há a assinalar uma surpreendente vitória individual de Eduardo Lopes, «arrancada a ferros», tal como a comentou o infatigável dirigente Armando Rodrigues, e cujo mérito principal reside no facto do «excelente» corredor ter aguentado os intermináveis ataques dos «leões», sósinho e sob constante tenção nervosa, provocada pela ideia de vir a perder o primeiro posto; há que realçar o esforço de João Lourenço, que anulou o avanço tomado pelo pelotão, quando furou; há ainda que pôr em relevo a corajosa corrida de Aristides Martins, o homem mais brilhante do regresso, e de Mourão; e ainda sublinhar o facto do Sporting ter conquistado, mercê da sua superioridade numérica e de um regulamento elaborado com cunho integralmente desportivo, uma classificação colectiva que reflecte justamente a importância daquella superioridade.

De facto, depois de Lopes se ter imposto com 3 pontos, Lourenço com 5 e Império com outros 5, passou a notar-se a presença de mais três «leões», a atestar que o clube verde-branco tinha na prova gente para «durar» e «queimar».

Outros motivos de agrado

Teve ainda a corrida de quarta-feira mais motivos de agrado, além dos já apontados.

Há que assinalar o bom comportamento de Império dos Santos, que foi o melhor português; o brio com que lutaram Aniceto Bruno e Rocha, este ainda mal refeito de um ataque de gripe; e a prometedora estreia do «alentejano» Manuel Jorge.

Como organização, a prova agradou também em absoluto, sendo até de assinalar a excelente cooperação de todas as pessoas ligadas à mesma organização, no número dos quais estão os directores da Federação e Associação.

Assim, a prova do Desportivo da «Iluminante» proporcionou uma bela jornada de propaganda para o ciclismo.

Resultados

Ordem de chegada a Santarém: Lopes, Império, Aristides, Lourenço, Rocha, Inácio, Jorge Pereira, Aniceto, Mourão, José Ferreira, Luis Santos e Manuel Jorge, todos com 2 h. 35 m. 15 s.

Chegada a Lisboa: Lourenço, Lopes, Império e Aristides, em 2 h. 9 m. 30 s.; Mourão e Inácio, 2 h. 9 m. 50 s.; Aniceto, Rocha, L. Santos, Manuel Jorge, J. Pereira, J. Moreira, José Ferreira, Baltazar e M. Pereira.

Classificação geral: 1.º Eduardo Lopes, 4 h. 44 m. 41 s.; 2.º Lourenço; 3.º Império; 4.º Aristides; 5.º J. Mourão; 6.º Inácio.

Por equipas, o Sporting classificou-se em primeiro e segundo lugares, seguido do «Iluminante».

Classificação por equipas: 1.º Sporting; 2.º-Sporting B; 3.º-Illuminante A; 4.º-F. C. do Pôrto; 5.º-Illuminante B; 6.º-Salgueiros; 7.º-Sangalhos.

GIL MOREIRA

Gimnásio Clube Português

Estão já em franca actividade as classes de gymnastica do velho Gimnásio Clube Infantil, dos 3 aos 13 anos; rapazes, dos 13 aos 16; senhora, rítmica e educativa; e homens, educativa e olimpica, bem como as aulas de esgrima, boxe, jogo de pau, atletica, etc.

O Gimnásio Clube teve a gentileza de pôr à disposição da nossa revista duas inscrições gratuitas para as classes de gymnastica infantil, destinadas a protegidos nossos, que agradecemos penhoradamente.

Centro de Educação Física

Como noticiámos há dias, reabriram as classes de gymnastica do Centro de Educação Física, sob a proficiente orientação do conhecido professor sr. Ermelindo dos Santos.

Segundo nos comunica em amável officio, resolveu admitir na classe de gymnastica infantil três creanças pobres protegidas pelo Stadium, amabilidade que registamos e desde já agradecemos muito reconhecidos.

GAMPEONATO INTERNACIONAL de GOLF em ESPINHO
 DE 2 A 7 DE NOVEMBRO
 Grandioso Programa de Festas
 NO
 GRANDE CASINO DE ESPINHO
 PALÁCIO-HOTEL DE ESPINHO

Reservam-se quartos
 Descontos especiais aos concorrentes

Duas excelentes provas de ciclismo O LISBOA-SANTAREM-LISBOA e a "Prova Iniciação Flecha"



NO «LISBOA-SANTAREM-LISBOA»
 1 — João Lourenço, seguido de Eduardo Lopes, ao cortar a meta em Lisboa; 2 — A caminho da capital, Imperio comanda o pelotão; 3 — Um pormenor de flagrante curiosidade: Nicolau, o grande «ás» hoje retirado, segue a caravana, acompanhado de seu filho, na estrada para o Cartaxo; 4 — Fase da prova — aqui em «passieiro» despreocupado...; 5 — Um dos curiosos aspectos fornecidos pelas competições de ciclismo: grupo compacto de máquinas e corredores exibindo um sorriso confiado... para a objectiva...



UM RECORDE BATIDO!...
 Não é somente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por hábito compram-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfaiataria J. C. MOURA, na Rua da Aralúja, 145, faz dessas transacções sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.^{ta} tiver casa sua não é preciso fiador para adquirir um bom fato, sobretudo ou gabardine, assim como confecção de senhora na género «tailleur». Note bem, nesta casa en-



NA «PROVA INICIAÇÃO FLECHA»
 1 — Os concorrentes passam no Rossio, fornecendo um dos aspectos de propaganda de que a prova se revestiu; 2 — A caminho de Sintra, os ciclistas trepam com energia; 3 — Os corredores fazem a viragem para o Algueirão, na tirada do regresso; 4 — Puxando enérgicamente após a partida de Tôres Vedras, com Gaspar Paulo e Quadros à cabeça; 5 — Gil Moreira, à esquerda, indica o caminho, numa viragem, ao taviresente José Martins; 6 — Antes do Pinheiro de Loures o pelotão era ainda numeroso; 7 — Gaspar Paulo, do S. L. e Alenquer, uma das mais prometedoras revelações desta competição



A MARCA QUE EU VOU USAR EM CHAPÉUS E BONÉS

A FIGURA DA SEMANA

VI

Vitor Guilhar

POR carência de conhecimentos ou por falta de visão — que se verifica, e se justifica, em grande parte, nem pois onde não existe ainda uma escola de treinadores — as pessoas que entra não se têm dedicado abnegadamente a orientar, sob o ponto de vista técnico, clubes e equipas; deixam muitas vezes que determinando elemento praticante jamais consiga «especializar-se» em harmonia com as suas qualidades naturais, e tirar delas, portanto, o máximo e o lógico proveito. Acontecendo assim, ou o praticante acaba por abandonar-se perante a inutilidade dos seus esforços na busca do bom cumprimento de uma missão que não lhe servirá nunca, ou temará sempre sem resultado. E quantas vezes essas esforços, perduravelmente desbaratados, teriam tido inofensivamente aplicados em outra missão?

Compete pois ao treinador não só preparar e orientar, como também «descobrir» nas qualidades de cada um dos seus pupilos o mérito que eles possuem, em relação a cada especialidade. Só assim o seu papel será verdadeiramente desempenhado.

Tudo isto vem ao propósito do conhecido «caso» de Guilhar, o valoroso defensor do F. C. do Porto — este ano em magnífica «forma».

Também Vitor Guilhar andou preciso tempo a percorrer diversos lugares do team de futebol, em encontrar a justa recompensa do seu esforço e do seu trabalho. Notava-se então que o jogador actuava com falta de conjunção, como se uma voz interior lhe segredasse, minuto a minuto, a sua falta de vocação para as missões que lhe estavam sendo destinadas... Até que um dia, o correcto desportista apareceu na defesa.

E estava realizado o «milagre»! Era ali, de facto, que tidos os reais qualidades de Guilhar iam dar o seu justo rendimento.

Hoje, Vitor Guilhar está justamente considerado um dos melhores backs portugueses — e as suas últimas exhibições confirmam em absoluta acérrima opinião. Temo-lo visto desempenhar com elevada mestria o seu papel — e com um sentido do lugar que ocupa pouco vulgar.

A sua actuação no último Porto-Salgueiros atingiu a classificação de «ótimo»; por isso o tratamos a esta seção. Guilhar foi, sem dúvida, a grande figura da semana! Os seus progressos técnicos são evidentes — mostram classe, inconsciente e dedicação ao clube e ao desporto.

Regostemo-nos com o facto.

NOTAS DA SEMANA

Centro de Medicina Desportiva

A instalação dos serviços de medicina do desporto vão, felizmente, entrar num período da realização prática, com a criação nesta cidade do Centro de Medicina Desportiva, como existe já na capital.

Dr. Vitor Guilhar, director da F. P. de Futebol, nas palavras proferidas sessão efectuada na A. F. do Porto, fez referência ao assunto. Das suas palavras ficou-nos a impressão de que a instalação desse organismo era um assunto encamalhado.

Trabalha-se, pois, com certo afinco, na solução de um problema de especial magnitude. Apontam-se para constituírem o corpo técnico desse organismo os drs. Paulo Sarmiento, José Braga e Albérico Rubber, sendo ainda candidato o dr. José Augusto Romariz.

O Sport venceu...

A assembleia geral da Associação de Handball do Porto aprovou, por unanimidade, uma proposta do Estrêla e Vigorosa, no sentido de ser alargado de 8 para 9 o número dos clubes que hão-de constituir a divisão de honra daquela associação.

Foi assim satisfeita uma aspiração do Sport Club do Porto, com o que todos rejubilaram.

O relvado do Lima

O estado do relvado do Campo do Lima é verdadeiramente deplorável. Assim tem sido verificado por toda a gente e confirmado na visita feita no mesmo pelos dirigentes da F. P. F. por ocasião da sua estadia nesta cidade. Parece que aquela entidade, não obstante ter já gasto mais de cem contos com este campo e o das Saleiras, vai novamente proceder ao arranjo do relvado.

Stadium

ATLETISMO

A época de 1944 confirmou ou revelou o valor de inúmeros praticantes

NESTE epílogo dos comentários que temos estado a escrever sobre a temporada atlética que terminou oficialmente há pouco, vamos falar da actuação dos praticantes, pondo em evidência, desde já, a sua boa qualidade e elevado número. Na verdade, poucas vezes o atletismo português deve ter possuído tão numeroso lote de jovens entusiastas pela sua prática — e que a esse entusiasmo juntam ainda possibilidades técnicas dignas de realce. E isto quer dizer que a modalidade tem o seu futuro assegurado quanto a matéria-prima — passo o termo — cuja falta se fez sentir nas épocas passadas e de que resultou, em grande parte, o estagnamento do seu progresso.

Sabe-se: qualquer manifestação desportiva só poderá manter-se, em nível capaz e agradável, desde que disponha de praticantes com qualidades e em bom número — e isto por sua vez só será possível desde que os clubes os preparem e os entusiasmem. Assim aconteceu no F. C. do Porto — por isso mesmo não espanta que as risonhas promessas da época de 1944 sejam obra quasi exclusiva daquele clube.

Temos, portanto, de concluir que se um único clube foi capaz de imprimir franco ambiente de progresso ao atletismo português, esse ambiente tornar-se-á grandioso quando os restantes se resolverem a seguir resolutamente o exemplo metódico que lhes ficou.

A temporada que acaba de terminar serviu para confirmar valores já revelados — José Romero, Póvoas, Sampaio Peixoto e Tamegã — e também para revelar outros — Eloy Costa Pereira, Fernando Romero, Manuel Silva Leite, Alfredo Serrano, Abel Gonçalves, Armando Albuquerque, Nuno Vitória, Armando Leitão, Cesar Ferreira, Artur Fernandes e José Aguiar, todos do F. C. P.; Manuel Bizarro, do Académico; Portirio Santos, do Salgueiros; Manuel Coutinho, do Amanuês; e Mário Azevedo, do Académico de Braga.

«Tennis» de mesa

Seguem bom curso os trabalhos destinados a fazer reviver no Porto esta modalidade. Aquêles trabalhos, efectuados em conjunto com a Delegação da Direcção Geral dos Desportos, estão a ser encaminhados por forma a resolver a crise o mais rapidamente possível. Apontam-se já alguns nomes para constituírem a Comissão Administrativa deste desporto.

Nos bastidores

da natação portuguesa

Nas provas de natação levadas a efeito pelo Galitos da Foz, alinhou pelo Salgueiros o nadador António Gonçalves. Sobre a sua classificação surgiram algumas dúvidas, que foram agora remediadas, dando como resultado estar o referido nadador ainda qualificado pelo Escola Náutica. Em consequência desse facto, os lugares que o Salgueiros obtiver nessas provas foram anulados, pelo que o clube deixa de receber algumas taças.

O «basket-ball» movimentou-se...

Deram-se os primeiros passos no campeonato regional do «basket» português. Os rectângulos começaram já a registar uma afluência que indica não ter o interesse pela modalidade diminuído com o defeso.

Há algumas alterações nos quadros que, fundamentalmente, pouco poderão modificar a maneira de agir dos «cinco» de cada clube. Mantem-se o mesmo interesse da época final quando à disputa dos melhores lugares da classificação geral. Vasco da Gama, F. C. do Porto e Académico partiram já à procura da embalagem final. Varemos quem ganha a corrida...

José Romero acaba de ser classificado como «senior», após duas escassas épocas de actividade — tempo que não lhe permitiu ainda atingir a perfeição e dar o rendimento normal. Mas o atleta tem acusado sensíveis progressos técnicos, que nesta temporada se tornaram bem sensíveis. Trata-se de um desportista dotado de velocidade natural apreciável e com todas as condições para marcar posição de relevo entre os «sprinters» portugueses.

Fernando Póvoas também confirmou, esta época, o valor revelado na anterior. Continua «junior» e este novo ano de permanência na categoria permite-lhe fazer mais cuidada preparação, que até aqui tem sido pouco regrada — e só por isso o praticante não tirou o justo rendimento das suas excepcionais qualidades. Poderá brilhar em corridas de velocidade prolongada.

Romero e Póvoas são os dois primeiros exemplos da obra do F. C. do Porto em favor do nosso atletismo.

De Sampaio Peixoto e de Edgar Tamegã já foi dito o suficiente. Qualquer débil teve época brilhantíssima, embora sem atingir a bitola máxima. A ambos é de aconselhar a especialização — Sampaio Peixoto, 400 ou 800; Tamegã, o salto em comprimento — pois dar-lhes-á enormes vantagens. Peixoto tem todos os «trunfos» ao seu alcance para ser o primeiro português a conseguir um tempo internacional nos 400 metros, e Tamegã, desde que queira dedicar-se à modalidade, trabalhando-a devidamente, passará, pela certa, os 7 metros ao salto em comprimento.

Foram estas atletas os valores que a época de 1944 confirmou.

O adarmo dos que se revelaram, porém, é bem mais elevado. Dêles falaremos brevemente.

MONTALVÃO não concluiu a prova do «Decatlo»

João Montalvão estabeleceu, a ano passado, o record do Norte do «Decatlo» com 4621 pontos. Este ano, em Lisboa, Edgar Tamegã, seu colega português, arrebatou-lhe o máximo, perfazendo 4873 pontos. Agora, Montalvão pretendia apoderar-se do novo da melhor «marca», mas os seus esforços foram em vão, já porque no primeiro dia a pontuação foi fraca (2518 pontos contra 3011 de Edgar Tamegã), já porque no 2.º dia não compareceu às provas, causando decepção no número razoável de assistentes que se deslocou ao Lima.

A sua desistência, em parte, não nos surpreendeu, pois o correcto atleta mostrou vestígios de indisposição após a sua última prova de sábado — os 400 metros, que êle correu em modestos 59 s., depois de ter feito os primeiros 200 metros à volta dos 25 s., andamento de demorância para as suas possibilidades, como se verificou na parte final da corrida, que chegou a ser penosa e só foi possível com excessivo esforço.

Montalvão é um valoroso atleta, bom desportista, mas que sente os efeitos de ter feito os primeiros 200 metros não chega — e esta «fantasia» do Decatlo só serviu para ferir o seu prestígio de desportista. Nada a justificava, tanto mais que não demonstrou preparação.

Arquivemos os resultados conseguidos no primeiro e único dia em que esteve presente: 100 metros, 12,4 s. = 817 pontos (11,6); comprimento, 6,08 m. = 573 pontos (6,52); Pêso, 9,25 m. = 386 pontos (10,66); altura, 1,60 m. = 565 pontos (1,53); 400 metros, 59 s. = 477 51,2. Total = 2518 pontos (3.041). Entre parêntesis indicamos os resultados das mesmas provas e a pontuação final do actual recordman do Norte, Edgar Tamegã.

Verifica-se que existe vantagem apreciável, a favor deste dia, de 823 pontos, que Montalvão não conseguia atingir no segundo dia de provas.

EDUARDO SOARES

Stadium

As organizações da STADIUM

em favor do progresso do desperto nortenho

CONTINUAM a chegar até nos inofensivamente aplausos por esta nova série de organizações em favor do desporto nortenho, que «Stadium» se propõe levar a efeito. E não nos esvaecemos com esses aplausos, antes nos servem de incentivo para procurar cumprir, o melhor possível, a missão a que desintressadamente nos votamos. Tudo há-de correr bem, porque não nos faltará a coragem para derrubar qualquer obstáculo que, como de costume, aparece aos que pretendem trabalhar...

Já hoje é possível fornecer alguns dos pontos principais do regulamento que há-de presidir à prova de «orta-mato». Este terá lugar, como dissemos, no primeiro domingo de Janeiro.

O local da prova será o campo das Canadas, pois estamos certos de que o Vigorosa, seu proprietário, não nos recusará a sua colaboração. A inscrição, gratuita, será livre a todas as categorias de atletas filiados. A equipa vencedora será aquela que classificar os dez melhores concorrentes — e a ela será atribuído uma taça. Aos cinco primeiros da classificação geral serão atribuídas medalhas.

Nas suas linhas gerais, o regulamento da prova de «orta-mato» será este. E agora os clubes que preparem os seus atletas nestes dois meses que têm de espera...

Quanto ao regulamento do torneio de «volleyball», está em estudo pelo sr. Aquilino Monteiro, praticante director da associação respectiva.

E estuda-se também o regulamento do torneio de atletismo puro, no qual procuraremos introduzir algumas inovações. A iniciativa da «Stadium» em prol do desporto nortenho, está em marcha.

No momento em que fazemos esta notícia, chega-nos o oferecimento da preciosa colaboração técnica do nosso prezado camarada Joaquim Moreira Jor., bom amigo e dedicado desportista, que a custos tem dado o melhor do seu esforço. Os nossos agradecimentos sinceros.

BASKETBALL

Impressões colhidas através da primeira jornada do campeonato regional

PODE dizer-se que o «basketball» português possuiu tôdas as condições para ganhar inofensível ambiente progressivo, visto que o nível numérico dos seus praticantes é já deveras animador. Estão a disputar os diversos títulos do campeonato regional quatro centenas de jogadores. Resta pois saber apreciar o entusiasmo que todos estes praticantes votam à habilidade, disciplina e dar-lhes a indispensável bagagem técnica. Este trabalho compete aos clubes, entre os quais, só um, na verdade, tem cumprido a sua missão: o Vasco da Gama. Os restantes, como se pode verificar pelo relatório da primeira jornada do campeonato, continuam a olhar ao número, com prejuizo da qualidade...

Nesta altura, não é exagero afirmar que só os vascainos possuem os seus grupos em boas condições técnicas — resultado justo do seu precioso trabalho de preparação, feito no melhor momento, com o devido método.

Nos primeiros jogos, pois, merecem citação as exhibições dos «cinco» do Vasco, a exhibição de Pima, deste clube, no jogo com o Vilanovense — prova de que a superior classe do excelente jogador se mantém em ritmo accionante — e boa forma de Feres, do F. C. do Porto.

Ainda é cedo, contudo, para afirmações definitivas, posto que, como atrás dizemos, os restantes clubes andam em período de preparação e dêle pode resultar melhoria técnica, que por agora só se via numa única colectividade...

FLECHA

A melhor bicicleta

Acontecimentos da semana

ATLETISMO — Em novo torneio promovido pelo Sporting, os vencedores foram: Manuel Mendes, 20 metros em 9 s. 8/10; Luiz Rocha, 20 metros em 52 s.; 4/10, comprimento e altura com 5.78 m.; 1.57 m.; Domingos Cambão, 700 metros em 1 m. 50 s. 8/10; José Paulo Cardoso, peso com 11,57; José Manuel Marreiros, disco com 29,95 m.

COMEMORAÇÕES — O Vitória Clube de Lisboa, novo agrupamento desportivo resultante da fusão Picheleira-Botafogo, festejou o começo das suas actividades, com uma sessão solene presidida pelo sr. Jaime Franco, representante do Atlético, colectividade que apadrinha o novo Vitória.

Com a presidência do dr. Ayala Boto, inspector dos Desportos, inaugurou-se a sede do D. C. Arrolor. Efectuou-se uma sessão solene significativa do acontecimento e depois houve uma visita às novas dependências da colectividade.

Para encerramento das comemorações do seu 25.º aniversário, o G. D. E. «Os Combatentes» promoveu uma sessão solene, durante a qual lhe foi entregue a taça do campeonato de Lisboa de tennis de mesa, em primeiras categorias.

HANDBALL — Na segunda jornada do «Torneio de Abertura», registaram-se os resultados seguintes: Belenenses-Treze, 8-3; Benfica Marvilense, 18-2; Sporting-Internacional, 15-1. Em segundas: Belenenses-Treze, 5-1; Benfica-Marvilense, 5-0; Sporting-Internacional, 7-0.

HOCKEY EM PATINS — Disputaram-se mais os seguintes jogos: H. C. de Sintra Campo de Ourique, 4-1; Benfica-Futebol Benfica, 4-1; Sp. Oitras-Ateneu, 4-2; Paço de Arcos-Lisgas, 3-2; Campo de Ourique-Futebol Benfica, 5-3; Académica da Amadora-Benfica, 8-1.

REMO — Cerca de setenta embarcações dos mais variados tipos desfilaram diante de milhares, numa interessante paradas dos desportos náuticos. Promoveu-se o baptismo de um «yole» de 4, nova unidade da «M. P.», servindo de madrinha D. Jacqueline Marques Lopes. Presidiu à cerimonia o sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, director geral dos Desportos, que representava o ministro da Educação Nacional, vindo-se na tribuna de honra, entre outras individualidades, os srs. dr. Soares Franco, commissário nacional da «M. P.», e comandantes Carmona, director da Escola Naval, e Castro Rodrigues, em representação do chefe do distrito.

TENNIS — Nas primeiras meias-finais dos campeonatos do Sporting, apuraram-se os resultados seguintes: Singulares (fortes) — José da Silva v. Rui Pereira, 6-1 e 6-1; Manuel da Silva v. J. Nunes dos Santos, 6-3, 6-3. Singulares (meios) — Scabra Pinto v. dr. Gerardo Maia, 6-3 e 6-2; M. Naves dos Santos v. Marcel de Botton, 6-2, 2-6 e 6-2. Singulares (fracos) — Dário Martins v. A. A. Gonçalves, 6-4 e 6-3; Maia Saturato v. F. Elói, 2-6, 6-3 e 6-2. As provas de pares continuaram anteontem, devendo concluir-se no sábado, dia marcado para a disputa de todas as finais.

TENNIS DE MESA — Nos campeonatos do Internacional, ficaram vencedores: Arnaldo Martins, em principiantes, e Fernaldo Metelo, em iniciados.

TIRO AO ALVO — Começou a disputar-se, na carreira do campo de Afonso de Albuquerque, em Belém, o campeonato distrital da F. N. A. T. Nas primeiras sessões, o dr. Felner da Costa somou 149 pontos, seguido de Mário Santos (140) e Luciano Pires (138).

TIRO A CHUMBO — Nas diferentes provas do XVI Torneio Internacional do Outono, disputadas com grande animação no «stand» do C. P. T. C., no Lumiar, ficaram vencedores: António de Calça e Pina, 17/17 na prova «Abertura»; António Padeira, 23/23 no «Prémio Outono»; Manuel Padeira Júnior, 15/15 no «XV Campeonato de Lisboa»; Luís Infante da Câmara, 18/18 na taça «Vencedores»; Nuno Infante da Câmara, 16/16 em prova extra-concurso; João de Matos, 15/15 em segunda taça «Vencedores»; e Carlos Vila Verde, 18/21 no «Prémio Atradores Espanholes». Como se vê, houve boa distribuição no capítulo dos vencedores, pois não se registaram repetições.

XADREZ — Para começo da nova época o Grupo de Xadrez de Lisboa organizou o «V Torneio de Verão», que teve o seguinte resultado final: 1.º — Francisco Lopi, 8,5 pontos; 2.º — dr. Peter Braumann, 8; 3.º — dr. Gabriel Riberto, 7; 4.º ex-aequo — eng. Nandim de Carvalho, Carlos Pires e Araújo Pereira, 6,5; 7.º — Vasco Santos, 3; 8.º — Gabriel Russell, 4; 9.º — Frederico Lascruenes, 2,5; 10.º — Alberto Mesquita, 2; 11.º — J. Casimiro Viçagra, 1,6.

O número 100 da STADIUM

COM este número, entra a actual série da «Stadium» na primeira centena. Não queremos deixar o facto sem registar. Sem pressas e sem jactância, ramos marcando um valor que tem sido útil à propagação dos desportos. A pouco e pouco — mas com apuro.

Uma iniciativa da Associação de Handball

No propósito de criar novos juizes de campo, a Associação de Handball de Lisboa vai abrir aulas de ensinamentos técnicos de handball para todas as pessoas que desejem dedicar-se à modalidade, quer pertencam ou não aos clubes filiados. A inscrição pode ser feita desde já na sede da A. H. L., todas as tardes-feiras, das 22 às 6 horas.

Iniciativas da «STADIUM»

A «Prova Iniciação Flecha»

(Continuação da página 2)

Já na Estefânia, David Brás chegou a fazer figura de vencedor da etapa, mas Paulo e Quadros adiaram-se sobre o risco da meta.

A ordem de chegada ficou estabelecida como segue:

Gaspar Paulo, Quadros, Távares Júnior, David Brás, Martins, António Marques, Camelo de Oliveira, Francisco Estevão, António Pereira, Prieto, Catarino, Walter Lopes, Santos Costa, Miguel da Silva, Duarte Tomás, Ricardo Miranda, Mourinha, Porfírio dos Santos, Eduardo Marques, António Henriques, Xavier Gomes, Manuel Tomé e A. Pereira.

Tempo dos primeiros quatro classificados: 1 h. 19 m. e 4 s. Distância percorrida: 41 quilómetros.

... A SEGUNDA...

Percurso: Sintra — Loures — Algueirão — Belas — Canaças — Campo 28 de Maio. Embora avisados do perigo que oferecem as sinuosas curvas de Loure, os 24 corredores que iniciaram a segunda etapa largaram de Sintra à media de 45-50. Numa corrida vertiginosa, perdeu o Sporting, por queda, um dos seus melhores homens: David Brás.

Mantiveram-se os corredores agrupados até ao Algueirão, aí se esgueirando Quadros, Paulo, Martins, Távares Júnior, Estevão e Juviano. A estes corredores juntaram-se depois António Pereira e José Barros. Entretanto, Martins e Pereira avariavam as montadas, chegando a Carriche um pelotão de quatro unidades, que disputaram depois, numa embalagem longa, os primeiros lugares.

A ordem de chegada foi a seguinte: Gaspar Paulo, Quadros e Prieto, todos com 1 h. 8 m.

Barão Henri de ROTSCILD

(Continuação da página 4)

— Em competição com alguns homens fortes, consegui rasgar 67 cartas de jogar... «Experimentem em pessoa e verá a dificuldade...»

O timbre do telefone relinhiu, nesta ocasião. Discretamente, o jornalista deixou de ver e ouvir — mas um nome, Cerdan, um simples nome, trouxe-o à realidade e fê-lo apurar o ouvido... O famoso pugilista francês Miguel Cerdan, actualmente deslocado na Africa do Norte, poderá interessar a tal ponto a pessoa do nosso entrevistado?

— «Monsieur le Baron, est-ce que...» — interrogámos nós, meio surpreendidos, meio ávidos de uma sensacional novidade.

— Sim, meu caro senhor, trata-se de Cerdan, mas nada mais lhe posso dizer, por agora...»

E levantando-se, com um sorriso de amável ironia despediu-nos, sempre com aquela afabilidade típica nas gentes da sua raça gaulesa, dando a entrevista por terminada.

O jornalista, porém, não trabalhou muito para adivinhar — e permitia-se-nos a indiscreção que aí vai: o sr. Barão Henri de Rotschild faz parte de um «comité» de patrocínio às creanças francesas orfãs de guerra. Este «comité», ao qual pertencem também algumas individualidades portuguesas e francesas de grande relevo, pretende organizar um festival de beneficência no Coliseu dos Recreios, na primeira quinzena de Dezembro, constituído por um sarau de pugilismo, sensacional a todos os títulos. O combate de fundo talvez seja travado entre Miguel Cerdan e um pugilista nacional ainda não escolhido, eventualmente um meio-médio de cartel, sendo ainda provável que os combates seguintes sejam disputados da mesma forma por franceses e portugueses.

Isto na hipótese deste sarau não ser substituído por outro espectáculo desportivo ainda de maior sensação...

Cerdan, caso venha a Portugal, fá-lo-á a título excepcional, pois consta-nos que logo após a sua desmobilização segue para os Estados Unidos, onde tem contratos já assinados.

e 25 s.; Távares Júnior, Miguel Silva, Estevão, Sequeira Paulo, Walter, Santos Costa, Silva Rafael, Silva Carvalho, P. Santos, Duarte Tomás, Catarino, Mourinha, Martins, Feliciano, Brás, Xavier Gomes, A. Henriques, Eduardo Marques e Bernarito Novo.

Distância percorrida: 28 quilómetros.

... A TERCEIRA ...

O vento forte, de novo a soprar de frente, tornou arduo o esforço dos corredores a caminho de Tôres Vedras. Por isso, embora o passo fôsse «rijos», ninguém tentou isolar-se. Só na rampa do Turcifal é que Juviano Prieto, no intuito de forçar Quadros a ir ao ataque, se empregou a fundo, conseguindo-o então. Foi-lhe no encaicho Távares Júnior e Estevão — e em breve estava alcançado.

Na recta de chegada, Quadros, embora com «multiplicação» mais pequena que Paulo, bateu-o nitidamente, sendo este ultrapassado até por Prieto.

As classificações nesta etapa foram:

Carlos Quadros, António Prieto, João Paulo, José Martins, António Távares, João Tomás, Francisco Estevão, João Catarino, Walter, D. Santos, Silva Rafael, Santos Costa, Mourinha, Silva Carvalho, António Henriques, Sequeira Paulo, Eduardo Marques e Xavier Gomes.

Tempo para os cinco primeiros chegados: 1 h. 49 m. 55 s.

Distância percorrida: 55 quilómetros

... E A QUARTA

Não temendo a «duresa» da tirada, nem tão pouco mostrando preocupação com o facto da estrada estar escorregadia, houve logo à partida de Tôres «imensa lenha», como é costume dizer-se. Assim, em Runa marchava à frente um pelotão constituído por Martins, em grande dia, Paulo, Prieto e David Brás. A duzentos metros seguia Quadros, algo afogado com partida tão rápida, Francisco Estevão e Catarino. Antes do Milharado, os corredores destes pelotões juntaram-se, até que já perto da Malveira teve Paulo de se apagar com avaria. Quadros empregou-se então a «fundos», «descolou» Martins perto de Carriche e chegou à meta isolado, com a vantagem de três minutos sobre o algarvio.

Resultado da última tirada:

1.º Quadros, 1 h. 44 m. 50 s.; 2.º Martins, 1 h. 47 m. 40 s.; 3.º Francisco Santos, 1 h. 49 m. 12 s.

Depois, com intervalos, chegaram:

Duarte Tomás, Joaquim Mourinha, Sequeira Paulo, João Catarino, Juviano Prieto, António Santos Costa, Silva Carvalho, Gaspar Paulo, Voltaire Lopes, Feliciano, Francisco Estevão, António Henrique, Távares Júnior e Silva Rafael.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

1.º Carlos Quadros, Apelo, 5 h. 58 m. e 54 s.; 2.º Juviano Prieto, S. L. Alenquer, 6 h. 10 m. 32 s.; 3.º José Martins, G. Távira, 6 h. 12 m. 23 s.; 4.º Gaspar Paulo, S. L. Alenquer, 6 h. 12 m. 23 s.; 5.º Duarte Tomás Iluminante, 6 h. 13 m. 44 s.; 6.º Távares Júnior, Sporting, 6 h. 17 m. 29 s.; 7.º Francisco Santos, Apolo, 6 h. 19 m. 41 s.; 8.º João Catarino, S. L. Benfica, 6 h. 19 m. 57 s.; 9.º Francisco Estevão, S. L. Benfica, 6 h. 19 m. 59 s.; 10.º Santos Costa, Sogalhos, 6 h. 21 m. 13 s.; 11.º Walter Lopes, S. L. Benfica, 6 h. 21 m. 43 s.; 12.º Joaquim Mourinha, Iluminante, 6 h. 22 m. 23 s.; 13.º José Silva Carvalho, Iluminante, 6 h. 32 m. 25 s.; 14.º António Rafael, Sporting, 6 h. 32 m. 58 s.; 15.º Carlos Paulo, Iluminante, 6 h. 37 m. 50 s.; 16.º António Henriques, Apelo, 6 h. 43 m. 56 s.; 17.º João Feliciano, Sporting, 6 h. 57 m. 29 s.

Desistiram José Camelo, Joaquim Pereira, E. Marques, B. Marques, Tomé, A. Pereira, J. Barros, Porfírio Santos, Elias Miranda, David Brás, Miguel Silva, Eugénio Ferreira, Xavier Gomes, Correla dos Santos e Carlos Fernandes.

Ano II — Lisboa, 1 de Novembro de 1944 — II Série — N.º 100

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Propriedade da
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º
TELEFONE 5 1146 — LISBOA
Execução gráfica de NEÓGRAVURA, LDA. — LISBOA
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



«STADIUM» NA CAPITAL DO NORTE
CAMPEONATO DISTRITAL DE FUTEBOL: 1— Santiago, guarda-redes do Académico, sai com oportunidade para evitar a entrada de Augusto; 2—Um "back" do Boavista intervém de cabeça para cortar uma avançada perigosa; 3— Apesar desta intervenção, Oscar vai ser forçado a uma estirada magnífica para salvar o "goal" iminente. VELA: Na Brigada Naval— 4— A cerimónia da distribuição de prémios das provas organizadas por esta entidade



A INAUGURAÇÃO DA NOVA SÉDE DO DESPORTIVO DE ARROIOS
 Aspecto da sessão solene promovida pelo simpático clube para inauguração da sua nova séde e que foi presidida pelo sr. dr. Ayala Boto, inspector da Direcção Geral de Desportos



Breitling

APROVADO PELA AVIAÇÃO PORTUGUESA

INSSENSIVEL AS VARIACÕES ATMOSFERICAS

ANTI-MAGNETICO

PREFERIDO PELOS DESPORTISTAS

O melhor cronógrafo